

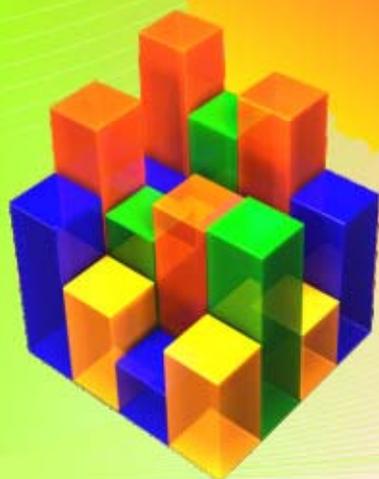


GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
*Secretaria do Planejamento
e Gestão*

IPECE Conjuntura

Boletim da Conjuntura Econômica Cearense

1º Trimestre de 2014



Fortaleza –Ceará
Junho de 2014

IPECE INSTITUTO
DE PESQUISA
E ESTRATÉGIA
ECONÔMICA
DO CEARÁ

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

Cid Ferreira Gomes – Governador

Domingos Gomes de Aguiar Filho – Vice Governador

SECRETARIO DO PLANEJAMENTO E GESTÃO (SEPLAG)

Eduardo Diogo – Secretário

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

Flávio Ataliba Flexa Daltro Barreto – Diretor Geral

Adriano Sarquis Bezerra de Menezes – Diretor de Estudos Econômicos

Regis Façanha Dantas - Diretor de Estudos Econômicos

IPECE Conjuntura – 1º Trimestre – jan.-mar. de 2014

Equipe Técnica

Adriano Sarquis (Coordenação Geral)

Daniel Suliano (Coordenação Técnica)

Alexsandre Lira Cavalcante

Ana Cristina Lima Maia Souza

José Freire Júnior

Klinger Aragão Magalhães

Marlene Mindêllo

Maurício Cabrera

Nicolino Trompieri Neto

Paulo Pontes

Witalo de Lima Paiva

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) é uma autarquia vinculada à Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Ceará.

Fundado em 14 de abril de 2003, o IPECE é o órgão do Governo responsável pela geração de estudos, pesquisas e informações socioeconômicas e geográficas que permitem a avaliação de programas e a elaboração de estratégias e políticas públicas para o desenvolvimento do Estado do Ceará.

Missão

Disponibilizar informações geosocioeconômicas, elaborar estratégias e propor políticas públicas que viabilizem o desenvolvimento do Estado do Ceará.

Valores

Ética e transparência; Rigor científico; Competência profissional; Cooperação interinstitucional e Compromisso com a sociedade.

Visão

Ser reconhecido nacionalmente como centro de excelência na geração de conhecimento socioeconômico e geográfico até 2014.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/nº - Edifício SEPLAG, 2º Andar

Centro Administrativo Governador Virgílio Távora – Cambéba

Tel. (85) 3101-3496

CEP: 60830-120 – Fortaleza-CE.

ouvidoria@ipece.ce.gov.br

www.ipece.ce.gov.br

APRESENTAÇÃO

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) publica o IPECE CONJUNTURA – Boletim da Conjuntura Econômica cearense, referente aos resultados do 1º trimestre de 2014.

Foi utilizado como referência o cenário econômico internacional e nacional, os quais servem para orientar a análise sobre o desempenho da atividade econômica cearense, em seus diversos aspectos.

O Boletim contempla uma série de análises envolvendo indicadores que traduzem o dinamismo socioeconômico do Ceará, com destaque para o comportamento setorial, como a agropecuária, indústria, serviços, comércio varejista, comércio exterior, mercado de trabalho, finanças públicas e intermediação financeira.

Ao lado dessa análise conjuntural, o Boletim reserva um espaço para reflexão sobre temas de interesse da sociedade. Este número traz um artigo abordando os novos desafios da educação brasileira para os próximos anos.

O Boletim IPECE CONJUNTURA procura atender a demanda do setor público e privado por informações de curto prazo sobre a economia cearense.

ÍNDICE

SUMÁRIO EXECUTIVO, 3

1. PANORAMA INTERNACIONAL, 5

2. DESEMPENHO DA ECONOMIA BRASILEIRA, 7

3. RESULTADOS DA ECONOMIA CEARENSE, 9

3.1. Produto Interno Bruto, 9

3.2. Agropecuária, 10

3.3. Produção Industrial, 13

3.4. Serviços, 18

3.5. Comércio Varejista, 20

3.6. Comércio Exterior, 27

4. MERCADO DE TRABALHO, 34

5. INTERMEDIÇÃO FINANCEIRA, 37

6. FINANÇAS PÚBLICAS, 39

6.1 Resultado Fiscal, 39

6.2 Receitas, 39

6.3 Despesas, 42

7. CONSIDERAÇÕES GERAIS, 45

8. A OPINIÃO DO IPECE, 47

Os Novos Desafios da Educação no Brasil, 47

IPECE Conjuntura / Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE). – Fortaleza, CEARÁ.
ISSN 2357-7789

Economia Brasileira. Economia Cearense. Indústria.
Mercado de Trabalho. Finanças Públicas.

Fortaleza – Ceará

SUMÁRIO EXECUTIVO

- As projeções de crescimento econômico para o primeiro trimestre de 2014 indicavam uma leve recuperação da economia mundial, influenciada pelo melhor desempenho de algumas economias desenvolvidas, além dos emergentes China e Índia. De fato, as estimativas para os três primeiros meses do ano, segundo a OCDE, apontavam que os países europeus que se encontravam em crise econômica e em recessão começariam a ganhar fôlego.
- O Brasil registrou um crescimento de 1,9% em relação ao primeiro trimestre de 2013, repetindo o mesmo desempenho do primeiro trimestre de 2013 com relação ao mesmo período do ano de 2012. Na comparação com o quarto trimestre de 2013, o PIB brasileiro no primeiro trimestre de 2014 teve um crescimento de apenas 0,2%, puxado por uma expansão de 2,3% do setor agropecuário.
- A economia cearense apresentou uma taxa de crescimento de 3,93% no primeiro trimestre de 2014, relativamente ao mesmo período de 2013, sendo a décima sexta taxa trimestral consecutiva superior à taxa da economia brasileira. Este crescimento foi bem superior ao registrado no primeiro trimestre de 2013, com relação ao mesmo período de 2012, quando se verificou um crescimento de 1,94%.
- A agropecuária do Estado do Ceará vive, em 2014, o terceiro ano consecutivo de estiagem que agrava em vários aspectos o setor, diferentemente do que ocorre quando se tem um ano de seca isolado. Até o final do primeiro trimestre a gravidade da seca que se apresenta em 2014 tem sido menor do que a observada nos anos anteriores. Para efeitos de comparação, vê-se que o acumulado de precipitações até março foi de 31,3% em 2014, frente a um desvio negativo de 59,0% no mesmo período de 2013.
- A produção física da indústria de transformação registrou, no primeiro trimestre de 2014, crescimento de 1,2% na comparação com o trimestre inicial de 2013. Esse resultado foi inferior ao registrado no mesmo período do ano anterior (7,8%) e de certa forma sofreu o efeito da base de comparação elevada, em consequência do bom desempenho de 2013.
- No primeiro trimestre do ano houve uma nítida desaceleração do ritmo de crescimento da receita nominal de serviços do Ceará. No 1º trimestre de 2013 foi registrado um crescimento de 12,2% na comparação com igual período de 2012, enquanto que no 1º trimestre de 2014 a taxa de crescimento reduziu-se para 9,2%, mas ainda superior à registrada pelo país, cujo crescimento foi de 8,7%.
- Na análise do acumulado do 1º trimestre de 2014, o varejo comum cearense registrou uma alta bastante significativa de 9,0%, sendo a terceira maior alta para o período desde 2010,

revelando dessa forma uma retomada no ritmo de crescimento das vendas do varejo local comparado ao ano anterior. O varejo ampliado cearense apresentou crescimento acumulado de 7,0%, voltando para o patamar de crescimento observado em 2012.

- O setor de intermediação financeira apresentou crescimento de 3,7% no 1º trimestre de 2014 em relação ao mesmo período do ano anterior. No mês de março de 2014 o Ceará realizou R\$ 51,2 bilhões em operações de crédito, sendo 51,6% realizadas por pessoas físicas e 48,4% por pessoas jurídicas.
- No que tange ao comércio exterior, as exportações do estado do Ceará totalizaram US\$ 319,92 milhões, registrando uma alta 16,05% na comparação com o primeiro trimestre de 2013. As importações, por sua vez, tiveram uma descontinuidade, alcançando o valor de US\$ 633,57 milhões, o que representou uma retração de 20,96% sobre o mesmo período de 2013. Com esses resultados, a balança comercial apresentou, mais uma vez, saldo negativo de US\$ 313,64 milhões nesse primeiro trimestre do ano.
- O resultado fiscal do Estado observado no acumulado até abril de 2014 apresentou um superávit primário de R\$ 1.200 milhões, segundo dados da SEFAZ/CE, situando-se em patamar inferior ao observado no mesmo período de 2013 (R\$ 1.878 milhões).
- No mercado de trabalho, a geração de novos postos de trabalho foi positiva, sendo criadas 2.401 novas vagas no primeiro trimestre do ano. Assim, pode-se afirmar que ocorreu uma nítida retomada na geração de novos postos de trabalho na economia cearense haja vista a forte perda de postos de trabalho com carteira assinada ocorrida no primeiro trimestre de 2013.

1 PANORAMA INTERNACIONAL

As projeções de crescimento econômico para o primeiro trimestre de 2014 indicavam uma leve recuperação da economia mundial, influenciada pelo melhor desempenho de algumas economias desenvolvidas, além de China e Índia.

As estimativas para os três primeiros meses do ano, segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), indicavam que os países europeus que se encontravam em crise econômica e em recessão começariam a ganhar fôlego, como foi o caso da França, onde se esperava crescimento de 0,8%, comparado ao 1º trimestre de 2013, Portugal com previsão de crescimento de 1,1% e Espanha com estimativa de 0,5%. Diferentemente desses países, a economia da Itália experimenta uma situação mais delicada, visto que ainda se encontra em recessão, com estimativa de recuo de 0,5% na economia do país. Dentro desse contexto, pode-se dizer que esses desempenhos são considerados instáveis visto que esses países ainda apresentam investimentos baixos, elevada taxa de desemprego e sistema financeiro fragilizado.

Por sua vez, a Alemanha já vinha tendo resultados de avanço na economia e manteve esse comportamento, com previsão de crescimento de 2,3% no primeiro trimestre de 2014, comparado ao mesmo período de 2013. Esse desempenho diferenciado com relação aos demais países europeus tem como propulsor econômico o aumento do consumo interno e da construção civil, ajudados por um inverno pouco rigoroso, além de contar com o otimismo da indústria para o ano de 2014.

Diante desses resultados das economias dos países europeus, o presidente do Banco Central Europeu (BCE) admitiu a eventual aplicação de mais estímulos à economia com medidas que visam impulsionar o investimento das empresas e o consumo das famílias. Deve-se também destacar os riscos de um período prolongado de inflação baixa, sendo essa uma das preocupações dos países europeus, visto que nesse momento é um indicador de desaquecimento da economia.

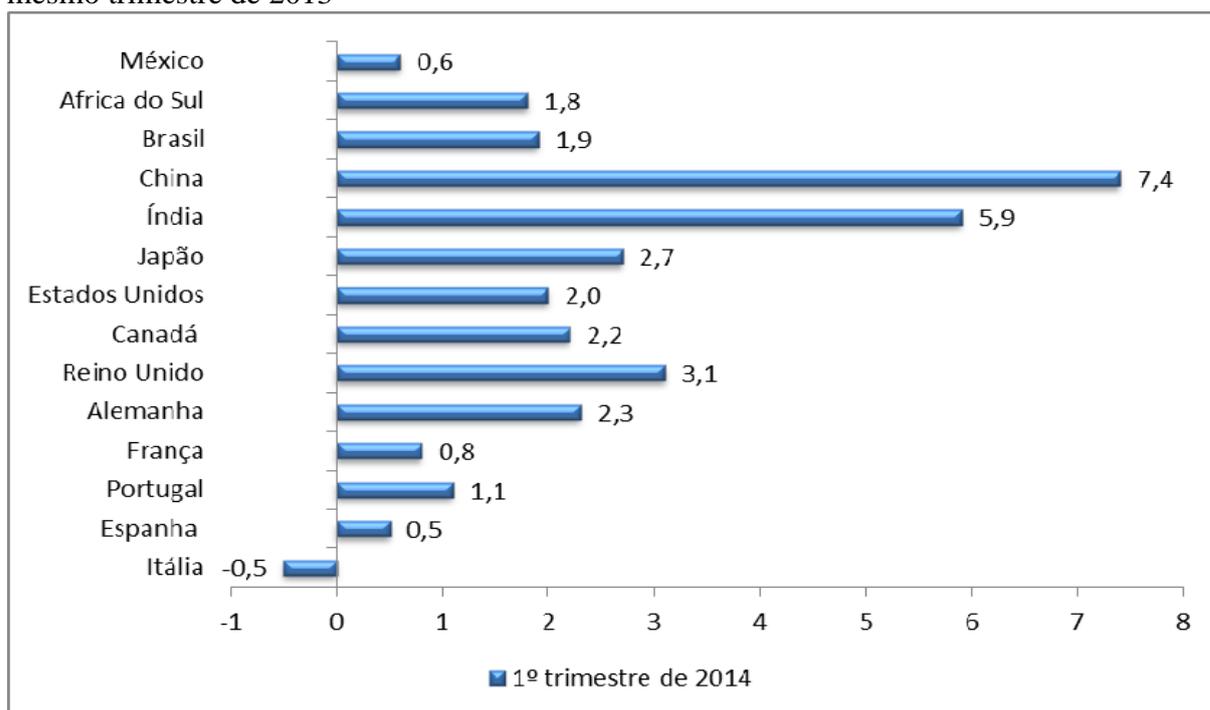
Já a economia americana apresentou nos últimos meses alguma recuperação, embora tenha apresentado crescimento econômico aquém do esperado nesse primeiro trimestre de 2014. Previsões da OCDE indicavam uma variação de 2,0% na economia nos três primeiros meses do ano, comparado ao mesmo período do ano passado. O Departamento de Comércio do país destaca que o aumento no PIB nos três primeiros meses de 2014 veio dos gastos pessoais, que foram em parte compensados por contribuições negativas das exportações, investimentos fixos não residenciais e residenciais e gastos públicos. Vale ressaltar que comparado ao trimestre imediatamente anterior apenas os gastos públicos foram maiores nesse primeiro

trimestre do ano de 2014, tendo os outros indicadores citados apresentados uma desaceleração.

Quanto aos países em desenvolvimento, a China mantém um ritmo de crescimento econômico elevado, com previsão de 7,4% no primeiro trimestre de 2014, com relação ao mesmo período de 2013, segundo a OCDE. A Índia também apresenta bons resultados econômicos, com estimativa de 5,9% nesse mesmo período. Esses dois países vêm se mostrando cada vez mais importantes na economia mundial. De fato, o Banco Mundial, prevê que a economia chinesa ultrapasse a economia americano ainda este ano. Quanto a economia da Índia, esta já se encontra como a maior terceira economia mundial, segundo também o Banco Mundial.

Por fim, a OCDE previu para o Brasil um crescimento econômico de 1,9% no primeiro trimestre de 2014, comparado ao primeiro trimestre de 2013, confirmado pelos dados oficiais do IBGE.

Gráfico 1: Taxa (%) de Crescimento da economia - 1º trimestre de 2014 em relação ao mesmo trimestre de 2013



Fonte: OECD.

2 DESEMPENHO DA ECONOMIA BRASILEIRA

No primeiro trimestre de 2014, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, que representa o somatório dos valores adicionados dos setores da Agropecuária, Indústria e Serviços, acrescidos dos impostos líquidos dos subsídios, registrou um crescimento de 1,9% em relação ao primeiro trimestre de 2013 (Tabela 1), repetindo o mesmo desempenho do primeiro trimestre de 2013 com relação ao mesmo período do ano de 2012.

Tabela 1 – Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades - Brasil - 2013 e 1º Trim. 2014 (*)

Setores e Atividades	1º	2º	3º	4º	1º	
	Trim.	Trim.	Trim.	Trim.	2013	Trim.
	2013	2013	2013	2013		2014
	(**)	(**)	(**)	(**)		(**)
Agropecuária	13,0	12,0	0,4	1,6	7,0	2,8
Indústria	-0,9	3,1	2,3	2,1	1,3	0,8
Extrativa Mineral	-6,5	-3,5	1,1	-0,2	-2,8	5,4
Transformação	0,1	5,2	2,8	2,6	1,9	-0,5
Construção Civil	-1,2	3,7	2,0	2,0	1,9	-0,9
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	2,6	2,1	3,7	3,4	2,9	5,2
Serviços	1,8	2,6	2,3	1,9	2,0	2,0
Comércio	1,7	3,6	2,8	3,5	2,5	2,2
Transportes	1,1	3,6	5,2	2,4	2,9	4,0
Intermediação Financeira	1,2	1,8	2,6	0,6	1,7	2,6
Administração Pública	2,1	1,7	2,6	2,5	2,1	1,9
Outros Serviços	1,7	1,8	0,1	-0,7	0,6	0,5
VA a preços básicos	1,8	3,3	2,2	1,9	2,1	1,8
PIB pm	1,9	3,5	2,4	2,2	2,3	1,9

Fonte: IPECE e IBGE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos.

(**) Em comparação a igual período do ano anterior.

Em relação aos Valores Adicionados dos setores, a Agropecuária cresceu 2,8% no primeiro trimestre de 2014, relativamente a igual período de 2013, desempenho este bem inferior à safra recorde verificada no ano de 2013 e iniciada no primeiro trimestre do ano onde se registrou um crescimento de 13,0% comparado ao mesmo período de 2012. Segundo dados do LSPA/IBGE, divulgado em maio de 2014, entre os produtos agrícolas com safras significativas no primeiro trimestre, destacam-se: soja (expansão de 6,3%), arroz (7,7%), algodão (23,5%) e fumo (0,4%). Por outro lado, a produção de milho recuou 7,2% nesse mesmo período.

Por sua vez, a Indústria brasileira apresentou um crescimento de 0,8% no primeiro trimestre de 2014, em relação ao mesmo período de 2013, registrando um desempenho melhor do que o observado no primeiro trimestre de 2013 com relação ao mesmo período de 2012, quando foi registrado um decréscimo de 0,9%.

Em relação às atividades que compõem o setor industrial a indústria de transformação apresentou um recuo de 0,5% devido à queda de produção dos produtos de metal, máquinas e aparelhos elétricos, veículos automotores, produtos têxteis, mobiliário, artefatos de couro e produtos do fumo. Para a Construção civil a redução no volume do valor adicionado foi de 0,9%. O segmento de Eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana, por sua vez, apresentou crescimento de 5,2%, influenciado pelo consumo residencial de energia elétrica, enquanto a extrativa mineral cresceu 5,4%.

O valor adicionado de Serviços cresceu 2,0% no primeiro trimestre de 2014 em comparação com o mesmo período de 2013, apresentando praticamente o mesmo desempenho do primeiro trimestre de 2013, com relação ao mesmo período de 2012, quando registrou crescimento de 1,8%. Dentre as atividades que compõem esse setor, o destaque coube ao segmento de Transportes, armazenagem e correio (4,0%). As demais atividades também apresentaram crescimento: Comércio (2,2%), Intermediação financeira (2,6%), Administração, educação e pública (1,9%) e Outros serviços (0,5%).

Balanco de Pagamentos

As contas externas nacionais vêm passando por constantes desequilíbrios. No que tange ao saldo de transações correntes, 2013 encerrou com um déficit de 3,7% do PIB (pouco mais de 81 bilhões de dólares), e crescimento de mais de 50% em relação 2012, sendo ainda o pior resultado desde 2001.

Os resultados no primeiro trimestre de 2014 mostram que esse déficit permanece em alta e a previsão de mercado é que feche 2014 com um déficit em transações correntes de quase 4% do PIB (3,9% em algumas estimativas). Mais especificamente, a previsão para o ano todo indica uma deterioração da balança de serviços e queda do saldo comercial.

Nesse aspecto, o maior problema se situa diante do cenário internacional, na medida em que a recuperação das principais economias mundiais, juntamente com a retirada de estímulos do FED na economia americana, em razão da retomada do crescimento, podem vir a reduzir o investimento estrangeiro direto (IED) no Brasil, trazendo mais dificuldades para o financiamento da conta corrente brasileira.

3 RESULTADOS DA ECONOMIA CEARENSE

3.1 Produto Interno Bruto

No primeiro trimestre de 2014, com relação ao mesmo período de 2013, a economia cearense apresentou uma taxa de crescimento de 3,93%, sendo a décima sexta taxa trimestral consecutiva superior à taxa da economia brasileira. Este crescimento foi bem superior ao registrado no primeiro trimestre de 2013, relativamente ao mesmo período de 2012, quando se verificou um crescimento de 1,94%. (Tabela 2).

Tabela 2 – Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades - Ceará - 2013 e 1º Trim. 2014 (*)

Setores e Atividades	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	
	2013 (**)	2013 (**)	2013 (**)	2013 (**)	2013	2014 (**)
Agropecuária	-5,94	5,97	-3,11	6,42	2,61	41,8
Indústria	4,08	7,59	6,98	4,00	5,62	1,7
Extrativa Mineral	18,21	60,30	37,30	-3,55	25,39	-19,87
Transformação	2,00	7,50	6,11	5,07	4,71	0,85
Construção Civil	4,46	5,70	6,77	-1,96	3,12	3,43
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	6,23	4,70	5,94	8,52	7,75	4,87
Serviços	2,26	3,69	2,27	1,81	2,89	4,0
Comércio	5,14	3,47	-1,55	2,37	2,50	8,13
Alojamento e Alimentação	1,41	3,66	2,93	4,45	3,21	10,48
Transportes	2,86	9,65	4,13	-3,22	4,28	5,40
Intermediação Financeira	0,55	4,31	5,86	4,12	4,39	3,77
Administração Pública	1,67	2,22	1,83	1,57	1,82	1,46
Outros Serviços	0,68	3,53	4,52	3,27	3,49	3,02
VA a preços básicos	1,88	4,17	3,87	2,64	3,48	3,91
PIB pm	1,94	3,95	3,76	2,57	3,44	3,93

Fonte: IPECE e IBGE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos.

(**) Em comparação a igual período do ano anterior.

Em relação aos setores que compõem o cálculo do PIB do Ceará, a Agropecuária apresentou no primeiro trimestre de 2014, em comparação com o mesmo período de 2013, um atípico crescimento de 41,8%, devido ao volume de chuvas ter sido bem superior ao registrado para o mesmo período de 2013, além de uma base de comparação baixa, visto que no primeiro trimestre de 2013, com relação ao mesmo período de 2012, verificou-se uma queda de 5,94%.

Para o mesmo período de análise, a Indústria cresceu 1,7%, apresentando um ritmo de crescimento bem menor do que o observado no primeiro trimestre do ano passado, quando o crescimento foi de 4,08%, na comparação com o mesmo período de 2012.

Finalmente, o setor de serviços cresceu 4,0% puxado pelo bom desempenho da atividade do Comércio, que registrou, para o mesmo período, um crescimento de 8,13%, superior à expansão verificada no primeiro trimestre de 2013, em comparação ao mesmo período de 2012 (5,14%).

3.2 Agropecuária

A agropecuária do Estado do Ceará vive, em 2014, o terceiro ano consecutivo de estiagem, agravando em vários aspectos o setor, diferentemente do que ocorre quando se tem um ano de seca isolado, o que pode levar à inviabilidade de permanência de boa parte da população na área rural.

Entretanto, deve-se considerar que até o final do primeiro trimestre a gravidade da seca que se apresenta em 2014 é menor do que o observado nos anos anteriores. Para efeitos de comparação, vê-se que o acumulado de precipitações até março de 2014 apresentou um desvio negativo de 31,3% em relação à média, frente a um desvio negativo de 59,0% em 2013, nesse mesmo período.

No que diz respeito às macrorregiões percebe-se que apesar de todas terem apresentado precipitações abaixo da média, esses desvios foram menores que o observado no anterior, conforme se observa na Tabela 3. Percebe-se que algumas macrorregiões ainda foram menos afetadas, apresentando uma menor redução percentual de chuvas em relação à média, como no caso da macrorregião do Cariri que teve um volume de chuvas 3,9% menor que o normal no período e o Maciço de Baturité, com um volume 19,0% menor. Essas mesmas macrorregiões tiveram, em 2013, um percentual negativo de 35,6% e 57,6%, respectivamente.

Tabela 3 – Desvio Percentual das Precipitações no Ceará e Macrorregiões, 1º Trimestre de 2013 e 2014.

Estado e Macrorregiões	2013	2014
Ceará	-58,9%	-31,3%
Sertão Central e Inhamuns	-67,0%	-32,3%
Macico de Baturite	-57,6%	-19,0%
Litoral Norte	-56,5%	-49,1%
Litoral de Pecém	-61,2%	-38,5%
Litoral de Fortaleza	-61,2%	-35,0%
Jaguaribana	-61,6%	-32,0%
Ibiapaba	-59,0%	-36,1%
Cariri	-35,6%	-3,9%

Fonte: IBGE

A macrorregião do Litoral Norte parece ser a mais afetada considerando os três primeiros meses do ano, pois em ambos os anos a mesma apresentou elevados percentuais negativos de volume de chuvas.

Diante dessa circunstância as estimativas da safra de grãos mostram crescimento da produção, a qual é evidenciada pela grande perda de safra observada no ano anterior, tornando a base de comparação baixa. As estimativas apontam para um crescimento da produção total de grãos na ordem de 333,0%, o que representa uma safra de 1,05 milhão de toneladas, segundo o LSPA/IBGE.

No entanto, deve-se ter em mente que as estimativas do início do ano sofrem ajustes ao longo de todo o ano à medida que as produções vão se efetivando e o levantamento atualiza a área plantada e colhida assim como o rendimento obtido.

Além disso, deve-se considerar que durante o primeiro trimestre a produção efetiva é mínima, em função do ciclo das culturas, como, por exemplo, na produção de grãos que tem a colheita concentrada no segundo e terceiro trimestres. A produção de frutas, por sua vez, é observada em grande parte no segundo semestre.

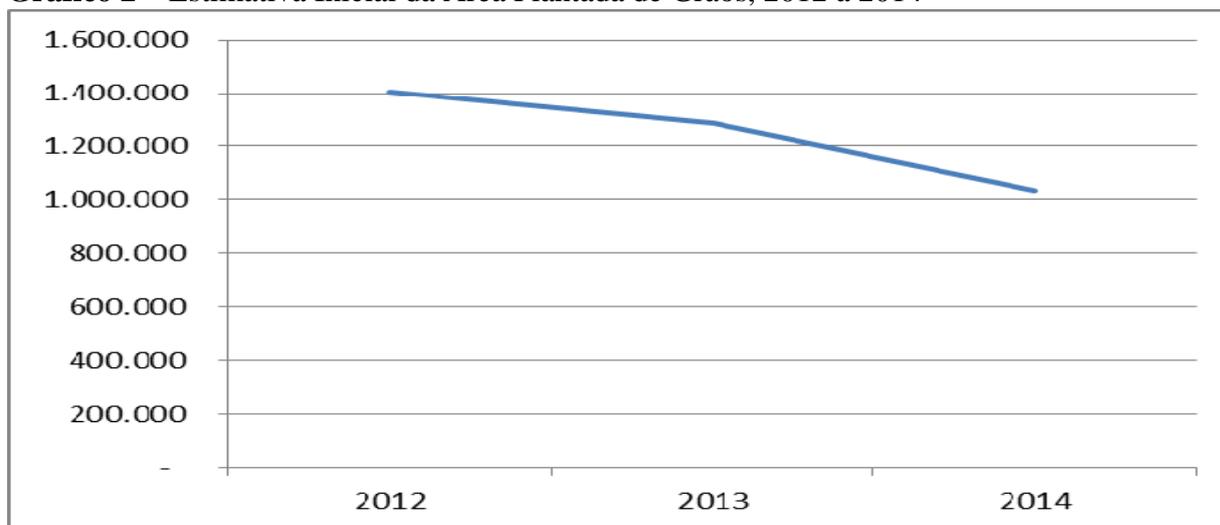
Com base nas estimativas disponíveis, os crescimentos mais expressivos ocorrem na produção de arroz de sequeiro, 393,1%, feijão 1ª safra, 354,7% e milho em grão, 471,8%. Conforme se observa na Tabela 4, todos os produtos apresentam crescimento quando comparados com a safra obtida em 2013.

Tabela 4 – Produção (Estimativa) da produção em 2014 e Variação em Relação à Produção Obtida em 2013.

Produto	Estimativa 2014 (Toneladas)	Variação* 2014/2013
Arroz total	73.112	48,4%
Feijão	22.0545	296,4%
Milho grão	744.143	471,9%
Sorgo granífero	1.699	33,8%
Fava	3.135	94,0%
Algodão	2.647	81,2%
Amendoim	1.261	182,1%
Mamona	5.225	350,0%

Fonte: IBGE. Nota (*) 2014 Estimativa e 2013 produção obtida.

No entanto, quando se comparam as primeiras estimativas realizadas a cada ano, nota-se que há um decréscimo da estimativa inicial do ano para a área plantada, o que indica uma menor intenção de plantio e conseqüentemente da produção inicial esperada, resultante da expectativa de seca, conforme observado no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Estimativa Inicial da Área Plantada de Grãos, 2012 a 2014

Fonte: IBGE

No que diz respeito à fruticultura, mesmo esta sendo menos dependente das chuvas, as estimativas indicam um crescimento significativo, o que também está relacionado à questão climática, dado que apesar de significativa participação da irrigação a produção de sequeiro ainda responde por boa parte da produção. Além disso, a sequência de anos consecutivos de estiagem tem contribuído para a redução da disponibilidade de água para irrigação. Dessa forma, a melhor situação relativa observada em 2014 fez com que as estimativas de produção superassem as do ano anterior, conforme se observa na Tabela 5.

Tabela 5 – Produção Obtida e Estimativa de Produção de Frutas, 2013 e 2014.

Frutas	2013	2014*	Variação %
Abacate	2.640	3.686	39,6
Acerola	15.232	18.995	24,7
Banana	375.344	508.462	35,5
Goiaba	14.081	18.209	29,3
Graviola	1.535	1.634	6,4
Laranja	13.554	17.215	27,0
Limão	8.733	9.708	11,2
Mamão	117.363	126.047	7,4
Manga	46.599	53.507	14,8
Maracujá	213.908	172.804	-19,2
Melancia	68.897	85.530	24,1
Ciriguela	1.889	2.080	10,1
Melão	212.362	361.484	70,2
Tangerina	2.094	2.639	26,0
Uva	664	914	37,7
Ata (pinha)	623	755	21,2
Castanha-de-caju	52.973	162.633	207,0
Abacaxi ¹	11.247	11.080	-1,5
Coco-da-baía (seco) ¹	101.938	147.883	45,1
Coco-da-baía (água) ¹	104.140	217.517	108,9

Fonte: IBGE. Nota: (*) Estimativa; (1) Mil Frutos.

3.3 Produção Industrial

Indústria de Transformação – Produção Física

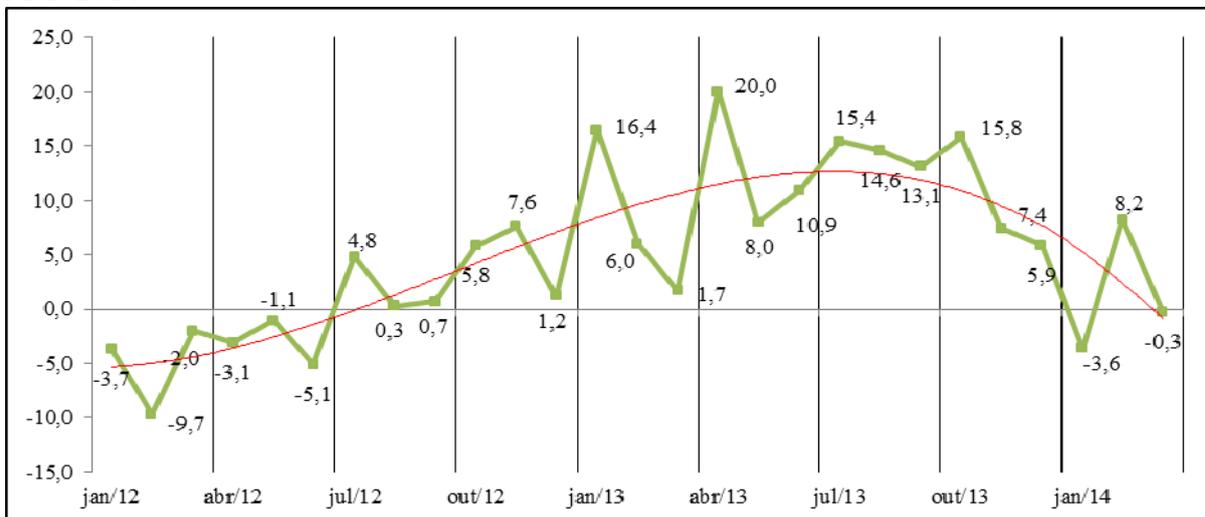
De acordo com os dados da PIM-PF/IBGE¹, a produção física da indústria de transformação registrou, no primeiro trimestre de 2014, crescimento de 1,2% na comparação com o trimestre inicial de 2013. Esse desempenho foi especialmente influenciado pelo crescimento de 8,2% observado no mês de fevereiro, único a registrar resultado positivo no primeiro quarto do ano. Em janeiro a taxa foi de -3,6% e em março, -0,3%, nas comparações com iguais meses do ano passado.

Após uma trajetória descolada em boa parte do ano de 2013, o comportamento da manufatura cearense no início de 2014 se assemelhou ao observado para a atividade em nível nacional. Apesar das trajetórias similares, a indústria no Estado preservou um ritmo maior de

¹ É importante destacar que a Pesquisa Industrial Mensal – produção física (PIM-PF) passou por uma reformulação. Seu ano base passou de 2002 para 2012 e nesta mudança aconteceram algumas alterações importantes: a) adoção da CNAE 2.0; b) atualização da amostra de setores, produtos e informantes; e c) atualização da estrutura de ponderação dos índices. Maiores informações em http://www.ibge.gov.br/home/disseminacao/destaques/2014_05_20_reformulacao_pim_pf.shtm

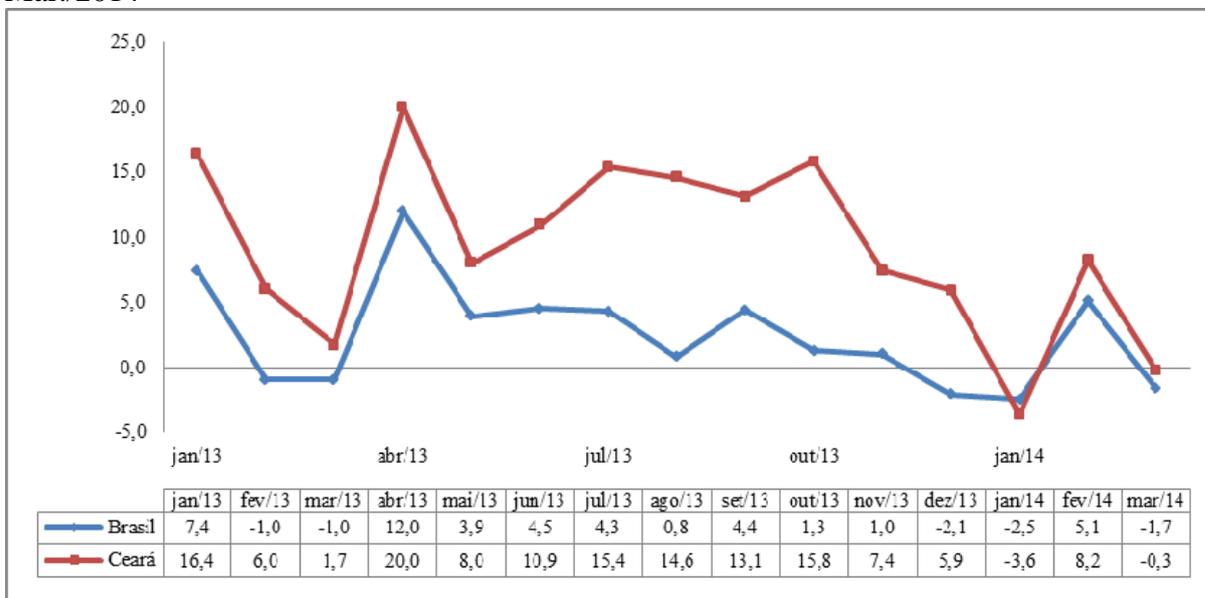
crescimento neste início de ano. De fato, a indústria brasileira cresceu apenas 0,2% sobre 2013. Os Gráficos 3 e 4, a seguir, apresentam as trajetórias.

Gráfico 3 - Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial - Ceará - Jan./2012 - Mar./2014



Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE. Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior. (-----) Linha de Tendência.

Gráfico 4 - Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial – Ceará e Brasil - Jan./2012 - Mar./2014



Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE. Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior.

O resultado para indústria de transformação cearense no primeiro trimestre foi inferior ao registrado no mesmo período do ano anterior (7,8%) e de certa forma sofreu o efeito da base de comparação elevada, consequência do bom início de 2013. Como mencionado, o desempenho foi superior ao registrado pelo país, mas inferior ao observado para região

Nordeste. Na comparação entre os Estados, o Ceará foi o de menor crescimento dentre os que apresentaram resultados positivos. Os destaques nacionais ficaram por conta de Amazonas (10,7%), Pernambuco (8,4%) e Mato Grosso (6,8%). Por outro lado, com resultados negativos destacam-se Espírito Santo (-7,3%), São Paulo (-3,2%) e Rio de Janeiro (-2,3%) (ver Tabela 6 a seguir).

Tabela 6 - Variação (%) da Produção Física Industrial - Brasil e Estados - Jan.-Mar./2013 e 2014

Brasil e Estados	Variação Mensal (2013)			Acumulado Ano (2013)	Variação Mensal (2014)			Acumulado Ano (2014)
	Jan	Fev	Mar		Jan	Fev	Mar	
Brasil	7,4	-1,0	-1,0	1,6	-2,5	5,1	-1,7	0,2
Nordeste	7,1	0,1	-0,1	2,5	-2,9	4,4	7,0	2,6
Amazonas	-3,9	-1,5	1,8	-1,2	9,1	20,4	4,1	10,7
Pernambuco	0,1	-8,2	-7,2	-4,9	5,0	7,0	14,1	8,4
Mato Grosso	7,1	-16,9	-10,9	-8,0	-1,1	15,6	6,3	6,8
Pará	-0,5	-8,7	-8,6	-6,0	7,2	3,5	1,4	4,1
Rio Grande do Sul	0,7	6,8	-1,5	1,8	3,0	5,7	1,2	3,2
Paraná	-0,7	-5,9	-1,4	-2,6	3,6	9,7	-3,3	3,0
Santa Catarina	4,0	-4,2	-5,8	-2,2	-1,8	3,8	5,2	2,4
Minas Gerais	10,3	-5,2	-1,4	1,0	-3,8	10,9	-0,4	1,8
Ceará	16,4	6,0	1,7	7,8	-3,6	8,2	-0,3	1,2
Goiás	22,3	8,1	8,0	12,2	-5,7	5,5	-3,2	-1,3
Bahia	12,8	5,4	6,2	8,2	-8,1	-1,2	2,7	-2,3
Rio de Janeiro	21,4	0,8	1,6	7,4	-3,8	2,0	-4,7	-2,3
São Paulo	7,4	-1,0	-1,6	1,4	-5,9	1,4	-4,8	-3,2
Espírito Santo	-8,1	-5,6	-5,9	-6,6	-4,9	-10,3	-6,8	-7,3

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE. Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2014.

Resultados Setoriais

A análise do comportamento dos seus principais setores contribui para uma melhor visualização do desempenho da indústria cearense. Dentre as onze atividades pesquisadas, seis apresentaram crescimento quando comparadas aos primeiros três meses de ano passado. Dentre estas, destaque para a produção da atividade de Confecção e vestuário e Fabricação de bebidas que cresceram, respectivamente, 20,0% e 9,1% no período. Uma das causas para o resultado positivo dessas atividades está associada com a maior demanda do comércio em virtude da realização da Copa do Mundo de Futebol, período em que é maior o consumo de bebidas e de confecções com o tema do evento. O evento se realiza apenas no segundo trimestre do ano, em junho, mas as encomendas à indústria ocorrem no momento anterior, daí o efeito antecipado sobre a produção industrial.

Por outro lado, segmentos importantes da indústria cearense registraram resultados negativos no primeiro trimestre, com reduções na produção física. Foram eles, Fabricação de produtos têxteis (-21,6%), afetado pela concorrência internacional, e Calçados e artigo de couro (-7,3%) em virtude da redução nas exportações. A Tabela 7 apresenta os números.

Tabela 7 – Variação (%) da Produção Física Industrial por Setores - Ceará - Jan-Mar./2013-2014

Setores	Variação Mensal (2013)			Acumulado Ano (2013)	Variação Mensal (2014)			Acumulado Ano (2014)
	Jan	Fev	Mar		Jan	Fev	Mar	
Indústrias de transformação	16,4	6,0	1,7	7,8	-3,6	8,2	-0,3	1,2
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	15,5	-10,3	-6,6	-1,0	13,2	52,0	1,2	20,0
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	6,7	5,6	1,4	4,5	13,9	19,2	16,6	16,5
Fabricação de bebidas	26,8	28,1	15,1	23,5	0,1	6,1	23,4	9,1
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	0,6	-39,0	-21,4	-20,3	-1,2	37,4	-1,3	9,1
Fabricação de produtos alimentícios	-2,1	-2,0	-11,8	-5,5	9,8	7,5	9,7	9,0
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-5,6	-16,0	-9,0	-9,8	-2,2	38,4	-24,6	0,9
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	52,4	17,0	8,9	24,1	7,8	-3,6	-17,9	-4,3
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	28,9	15,1	13,7	18,7	-15,7	-2,5	-4,0	-7,3
Fabricação de outros produtos químicos	29,5	18,3	-13,8	13,3	-18,5	3,8	-5,9	-8,3
Metalurgia	22,5	34,8	23,1	26,3	-14,9	-1,4	-15,0	-10,7
Fabricação de produtos têxteis	13,4	-3,6	-6,0	0,6	-30,0	-14,8	-19,4	-21,6

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE. Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2014.

Em relação ao país, o estado do Ceará registrou desempenho superior em seis dos setores pesquisados. Dentre estes se encontram as atividades tradicionais destacadas anteriormente, indicando um efeito mais intenso da conjuntura atual na economia cearense quando se consideram tais segmentos, a saber: Produtos têxteis (-21,6% contra -5,1%) e calçados (-7,3% contra -3,3%). Vale destacar que, assim como no Ceará, para a indústria brasileira as atividades de Confecção e vestuário e Fabricação de bebidas também apresentaram um

resultado positivo, influenciado pela realização da Copa do Mundo de Futebol. Os resultados constam na Tabela 8.

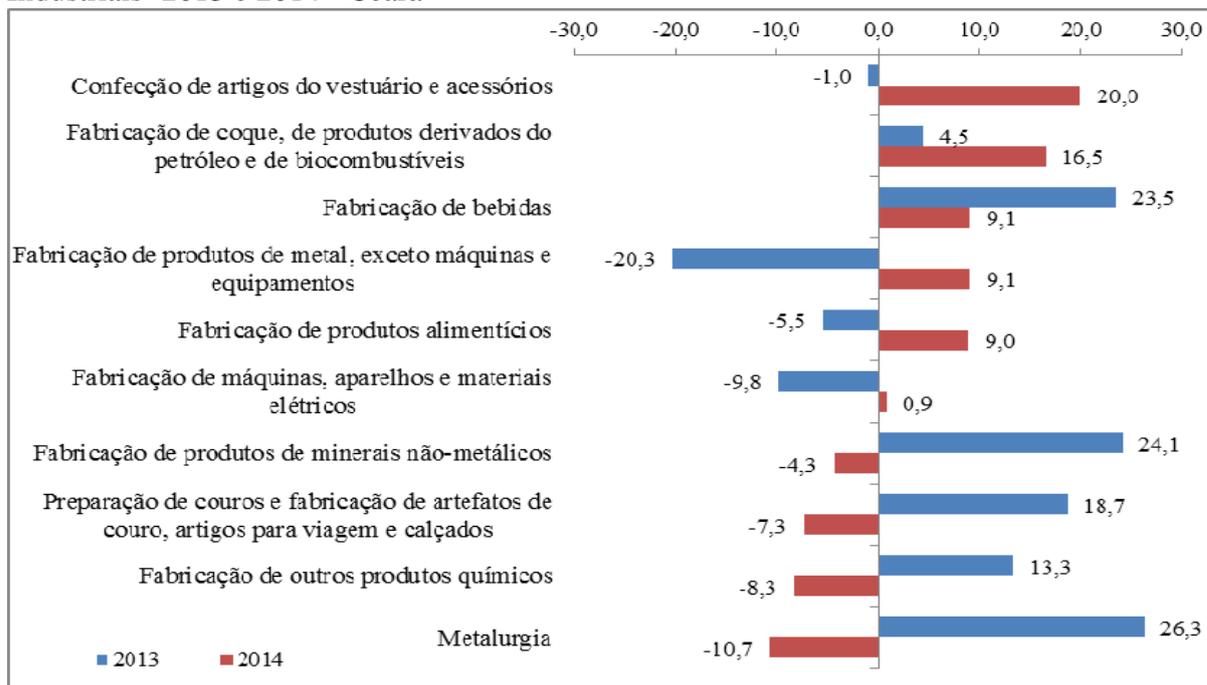
Tabela 8 – Variação (%) da Produção Física Industrial por Setores - Brasil e Ceará - Jan.-Mar./2014

Setores	BRASIL				CEARÁ			
	Variação Mensal (2014)			Acumulado Ano (2014)	Variação Mensal (2014)			Acumulado Ano (2014)
	Jan	Fev	Mar		Jan	Fev	Mar	
Indústria de transformação	-2,5	5,1	-1,7	0,2	-3,6	8,2	-0,4	1,2
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	-2,0	16,0	-1,4	3,8	13,2	52,0	1,2	20,0
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	-3,8	0,9	4,3	0,4	13,9	19,2	16,6	16,5
Fabricação de bebidas	-6,3	6,3	6,6	1,7	0,1	6,1	23,4	9,1
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-13,0	-1,3	-8,3	-7,7	-1,2	37,4	-1,3	9,1
Fabricação de produtos alimentícios	-1,0	2,0	5,1	2,0	9,8	7,5	9,7	9,0
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-5,3	0,1	-8,3	-4,7	-2,2	38,4	-	24,6
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	0,7	4,3	-1,3	1,1	7,8	-3,6	-	17,9
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-6,8	-1,1	-2,4	-3,3	-	15,7	-2,5	-4,0
Fabricação de outros produtos químicos	0,4	-1,6	-3,0	-1,4	-	18,5	3,8	-5,9
Metalurgia	-3,8	2,3	2,4	0,3	-	14,9	-1,4	-
Fabricação de produtos têxteis	-8,0	-2,1	-5,1	-5,1	-	30,0	-	-

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE. Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2014.

O desempenho de cada setor industrial da economia cearense pode ser mais bem visualizado através do Gráfico 5, a seguir, que compara a taxa de crescimento acumulada para os anos de 2013 e 2014.

Gráfico 5 - Taxa de Crescimento Acumulada (%) da Produção Industrial por Setores Industriais- 2013 e 2014 - Ceará

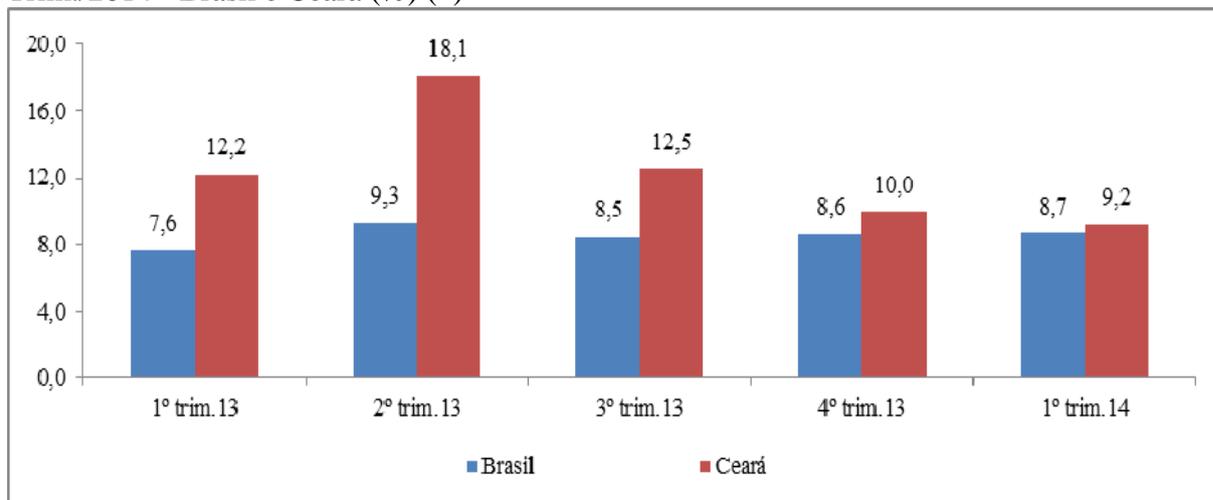


Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE. Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2014.

3.3 Serviços

Evolução da Receita Nominal de Serviços

Ao se analisar o comportamento da taxa de crescimento no primeiro trimestre do ano nota-se uma nítida desaceleração do ritmo de crescimento da receita nominal de serviços do estado do Ceará. No 1º trimestre de 2013 foi registrado um crescimento de 12,2% na comparação com igual período de 2012, enquanto que no 1º trimestre de 2014 a taxa de crescimento reduziu-se para 9,2%, ainda superior à registrado pelo país, quando o crescimento foi de 8,7% (Gráfico 6).

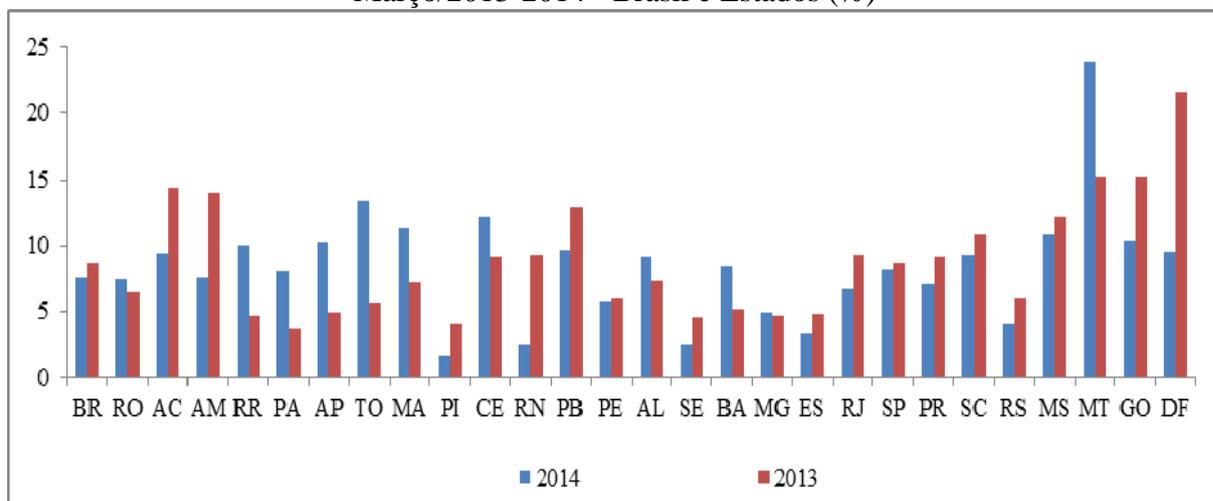
Gráfico 6: Evolução da variação mensal da receita nominal de serviços – 1ºTrim./2013 a 1º Trim./2014 - Brasil e Ceará (%) (*)

Fonte: PMS (IBGE). Elaboração: IPECE.

(*) Taxa de crescimento em relação ao mesmo período do ano anterior.

Receita Nominal de Serviços no Contexto Nacional

Na análise das taxas de crescimento do trimestre em um contexto nacional (Gráfico 7) é possível notar que a maioria dos estados brasileiros apresentou taxas menores que em 2013, reflexo da política de elevação da taxa básica de juros da economia, iniciada em abril do ano passado, afetando a dinâmica da indústria e do comércio, além da tendência de maior endividamento das famílias. Isso mostra que o fenômeno de desaceleração do setor de serviços não é um fenômeno isolado no estado do Ceará.

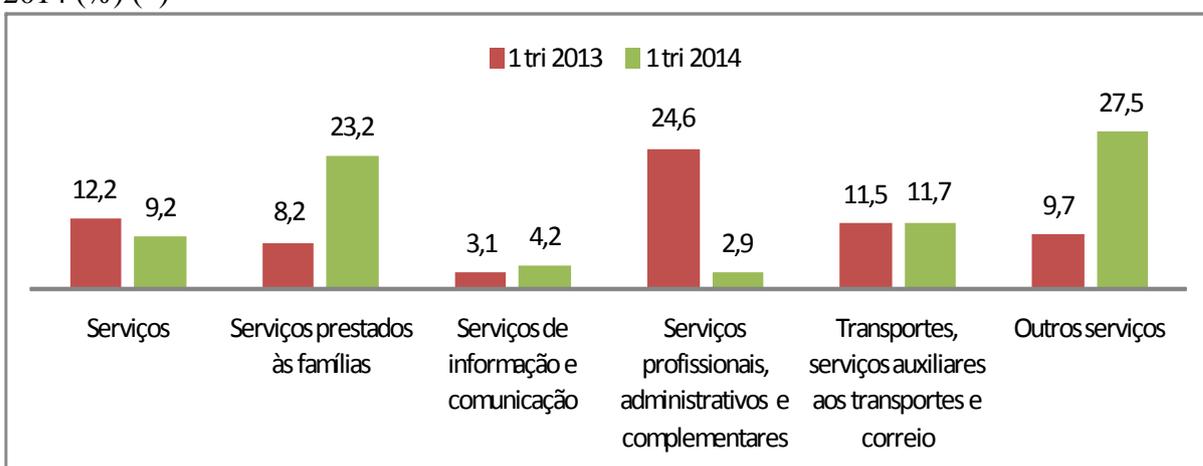
Gráfico 7: Variação da receita nominal de serviços acumulada no ano – Março/2013-2014 - Brasil e Estados (%)

Fonte: PMS (IBGE). Elaboração: IPECE. (*) Taxa de crescimento em relação ao mesmo período do ano anterior.

Receita Nominal de Serviços por Atividades

A atividade Outros serviços apresentou a maior expansão (27,5%), seguida por serviços prestados às famílias (+23,2%); Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correios (+11,7%); Serviços de informação e comunicação (+4,2%); e Serviços profissionais, administrativos e complementares (+2,9%). Ressalte-se que as quatro primeiras registraram crescimento superior na comparação com o 1º trimestre de 2013 (Gráfico 8). Nota-se que dos cinco setores investigados apenas um registrou taxa de crescimento no trimestre inferior à registrado em igual período de 2013.

Gráfico 8: Taxa de Crescimento da receita nominal de Serviços – Acum. no 1º Trim./2013-2014 (%) (*)



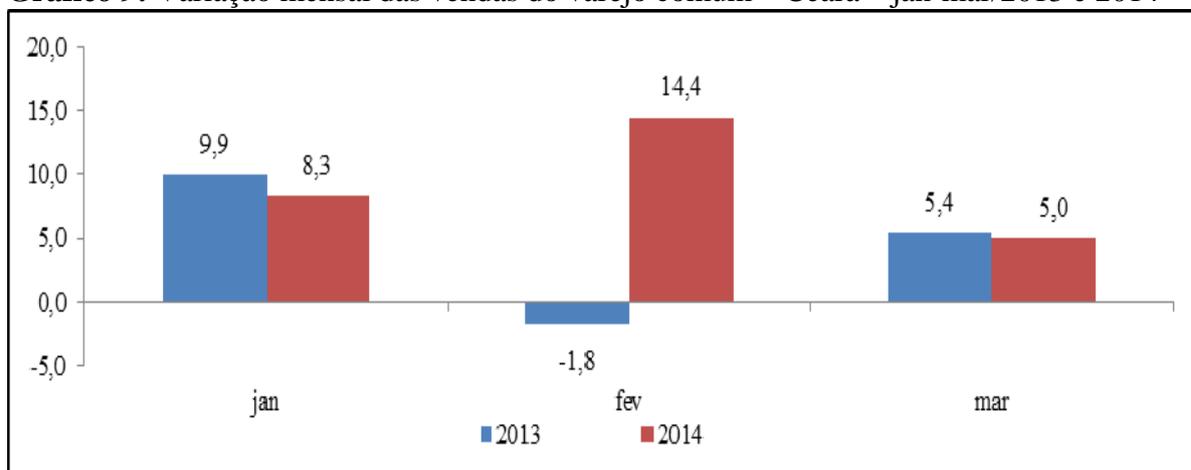
Fonte: PMS (IBGE). Elaboração: IPECE.

(*) Taxa de crescimento em relação ao mesmo período do ano anterior.

3.4 Comércio Varejista

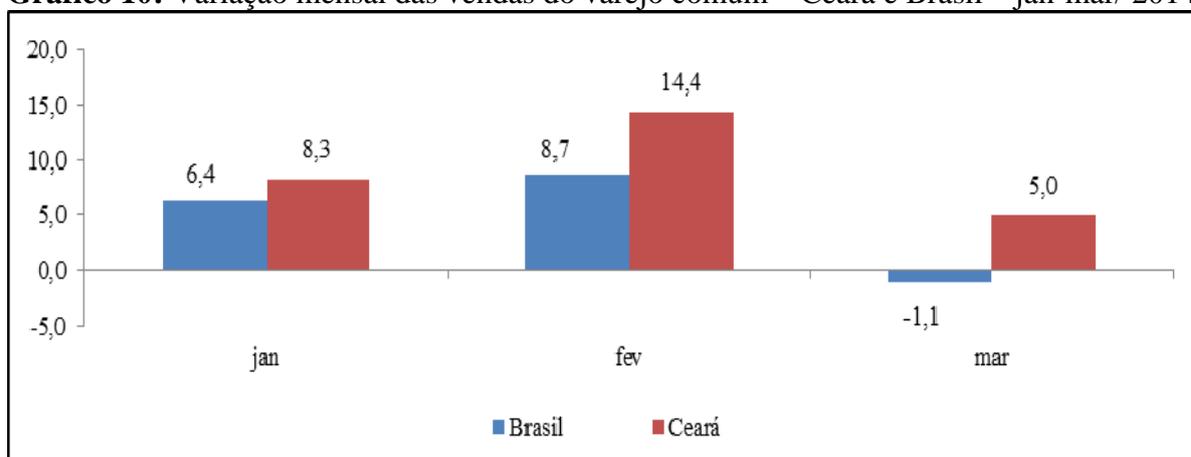
Varejo Comum

Dados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), realizada pelo IBGE, indicam que na comparação com março de 2013 o varejo comum cearense registrou alta de 5,0%, mas levemente inferior à que foi registrada em igual mês do ano passado (5,4%). Além disso, o mês de março apresentou a menor variação mensal dentro do ano na comparação com o mesmo mês do ano anterior (Gráfico 9).

Gráfico 9: Variação mensal das vendas do varejo comum – Ceará – jan-mar/2013 e 2014

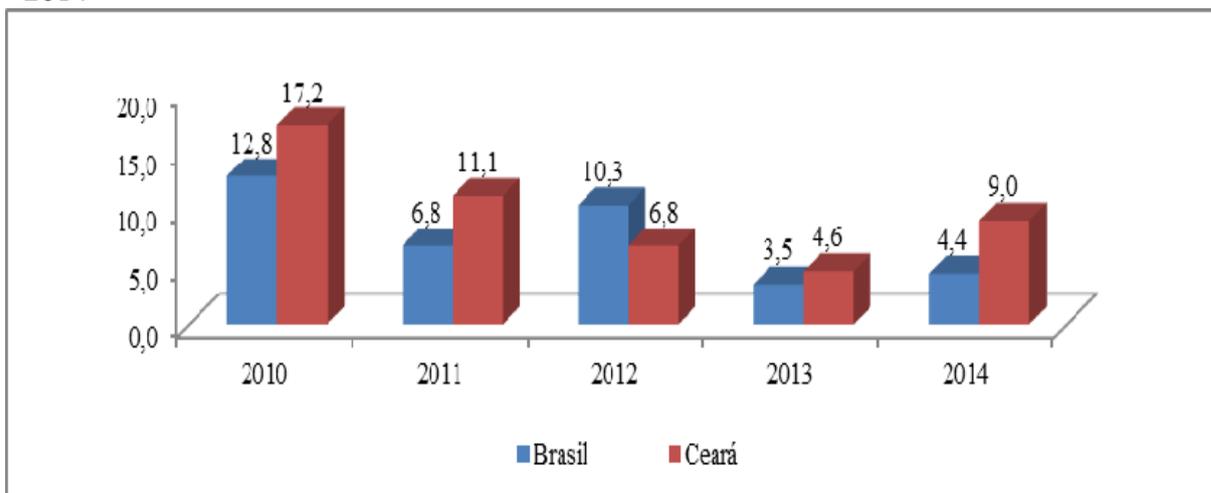
Fonte: PMC-IBGE. Elaboração IPECE.

Por outro lado, o varejo nacional registrou sua primeira queda (-1,1%) mostrando, portanto, que o resultado alcançado pelo estado do Ceará foi bastante favorável (Gráfico 10).

Gráfico 10: Variação mensal das vendas do varejo comum – Ceará e Brasil – jan-mar/ 2014

Fonte: PMC-IBGE. Elaboração IPECE.

Na análise do acumulado do 1º trimestre de 2014, o varejo comum cearense registrou uma alta bastante significativa (9,0%), sendo a terceira maior alta para o período desde 2010, revelando dessa forma uma retomada no ritmo de crescimento das vendas do varejo local comparado ao ano anterior. (Gráfico 11).

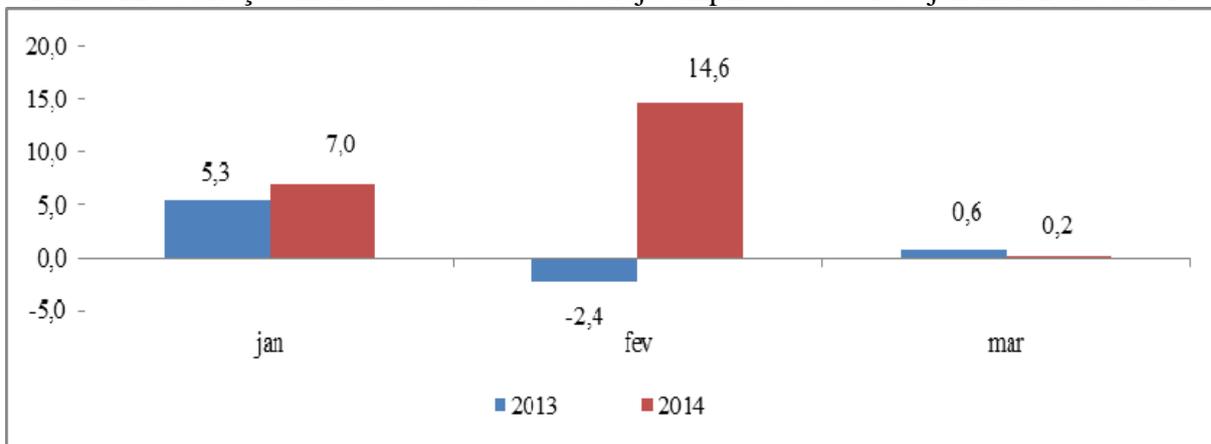
Gráfico 11: Variação acumulada no ano das vendas do varejo comum – Ceará e Brasil – 2010 - 2014

Fonte: PMC-IBGE. Elaboração IPECE.

Varejo Ampliado

Quando se analisa o comportamento do índice de volume de vendas do varejo ampliado, ou seja, aquele que inclui também as vendas dos setores de Veículos, motocicletas, partes e peças e de Materiais de construção tem-se que a alta ocorrida no varejo foi de apenas 0,2% na comparação março de 2014 com março de 2013, tendo ficado bem abaixo da registrada no varejo comum. Esse cenário foi provocado pelo desempenho nas vendas de automóveis que acabaram por dar uma contribuição negativa na taxa de crescimento mensal do índice do volume de vendas do varejo ampliado cearense (Gráfico 12).

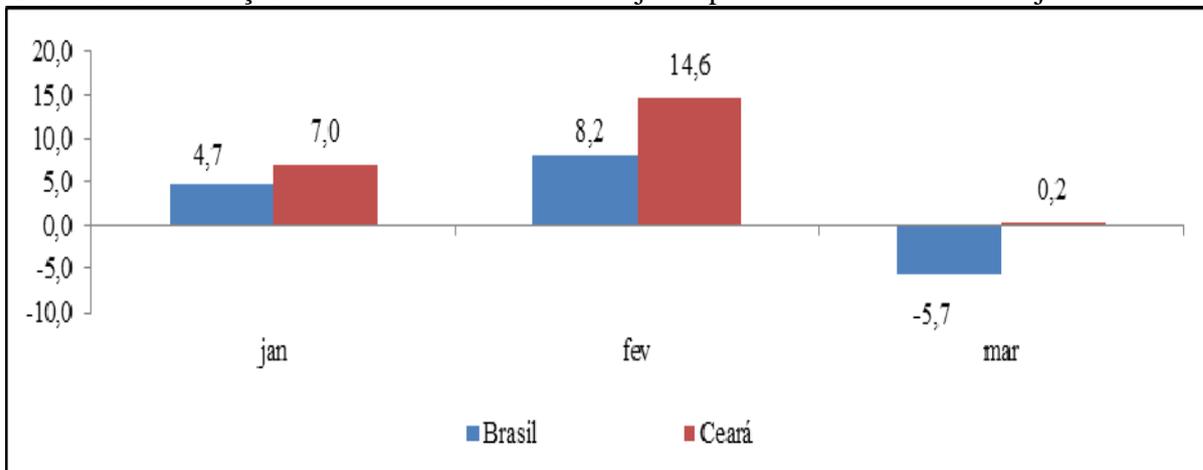
É marcante a desaceleração no ritmo de crescimento das vendas do varejo ampliado quando se observa a marca registrada em fevereiro último que apontou variação de 14,6%.

Gráfico 12: Variação mensal das vendas do varejo ampliado – Ceará – jan-mar/2013 e 2014

Fonte: PMC-IBGE. Elaboração IPECE.

Enquanto as vendas do varejo ampliado cearense registraram apenas uma leve alta em março de 2014, o que poderia parecer algo desprezível, observa-se que o varejo nacional registrou queda de 5,7% (Gráfico 13).

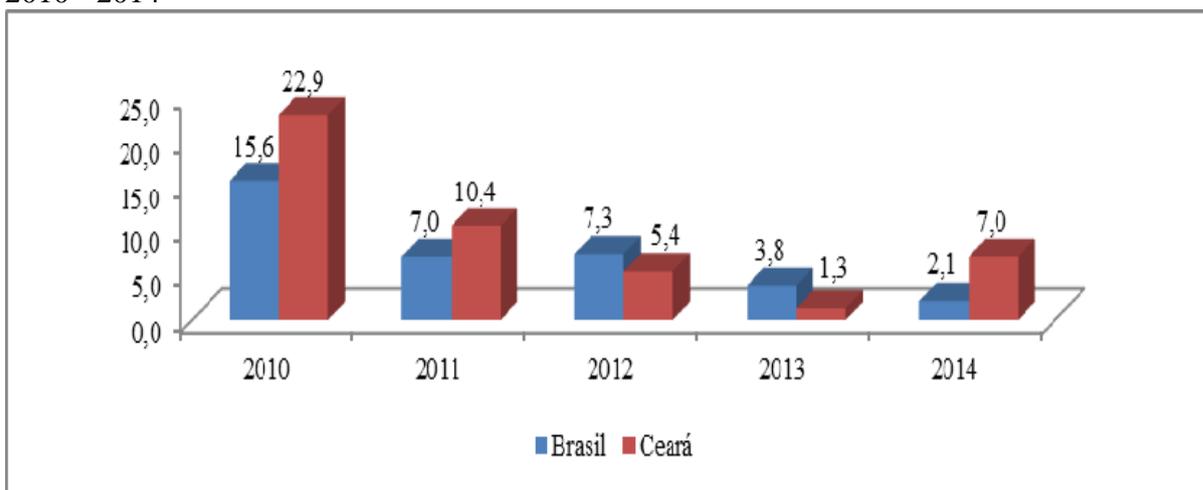
Gráfico 13: Variação mensal das vendas do varejo ampliado – Ceará e Brasil – jan-mar/ 2014



Fonte: PMC-IBGE. Elaboração IPECE.

Vale destacar que a alta acumulada nas vendas do varejo ampliado do país foi a menor desde 2010, enquanto que o varejo ampliado cearense apresentou uma nítida retomada do crescimento acumulado, tendo registrado crescimento de 7,0%, retornando para o patamar de crescimento observado em 2012 (Gráfico 14).

Gráfico 14: Variação acumulada no ano das vendas do varejo ampliado – Ceará e Brasil – 2010 - 2014



Fonte: PMC-IBGE. Elaboração IPECE.

Análise Regional das Vendas do Varejo

Na Tabela 9, a seguir, estão dispostos os dados referentes à variação mensal, variação acumulada no ano e a variação no acumulado de 12 meses das vendas do varejo comum do país e de todos os estados.

Em primeiro lugar, pode-se observar que apenas o estado de Roraima registrou queda no 1º trimestre de 2014 (-1,9%). Além disso, somente sete estados tiveram crescimento inferior ao registrado nas vendas do varejo comum no acumulado de 2013. Por fim, o resultado positivo apresentado pela maioria dos estados resultou em elevação da taxa de crescimento das vendas do varejo comum nacional na comparação dos anos de 2013 (+3,5%) e 2014 (+4,4%).

Nota-se ainda que o Ceará registrou a sexta maior alta no acumulado do ano dentre todos os estados brasileiros tendo sido superado apenas pelos resultados obtidos pelo Acre (+12,1), Maranhão (+10,1), Tocantins (+10,0), Alagoas (+9,6) e Bahia (+9,6).

Tabela 9: Variação das vendas do varejo comum – Brasil e Estados – Jan.-Mar/2013 - 2014

Estados	jan/13	fev/13	mar/13	Acum. Ano (2013)	Acum. 12 Meses (2013)	jan/14	fev/14	mar/14	Acum. Ano (2014)	Acum. 12 Meses (2014)
Brasil	5,9	-0,2	4,5	3,5	6,8	6,4	8,7	-1,1	4,4	4,5
Acre	4,4	3,5	0,2	2,6	10,4	14,1	16,0	6,6	12,1	6,2
Maranhão	10,7	0,6	5,3	5,6	9,8	8,9	15,9	6,0	10,1	9,6
Tocantins	8,4	0,6	7,1	5,4	11,9	10,7	16,2	4,1	10,0	6,0
Alagoas	7,7	-2,6	3,6	3,0	6,8	11,2	14,0	4,1	9,6	8,6
Bahia	5,2	-4,7	-0,8	0,0	7,1	9,6	15,7	4,2	9,6	4,9
Ceará	9,9	-1,8	5,4	4,6	9,0	8,3	14,4	5,0	9,0	4,8
Amapá	3,4	2,9	4,4	3,6	14,7	2,6	8,9	9,6	7,0	3,8
Rondônia	8,8	7,0	9,9	8,6	6,4	10,2	8,9	1,5	6,7	8,9
Mato Grosso	8,4	3,1	4,4	5,3	6,4	5,2	10,0	4,1	6,3	6,3
Goiás	6,7	0,3	4,9	4,1	7,7	7,4	10,3	1,2	6,1	5,1
Pará	7,7	2,1	5,5	5,2	6,6	6,4	10,1	0,9	5,6	5,9
Pernambuco	9,0	-0,8	5,6	4,7	9,0	5,7	13,0	-1,0	5,5	6,3
Rio Grande do Norte	14,1	3,8	10,7	9,6	8,2	6,9	10,0	-0,7	5,2	8,2
Piauí	1,3	-4,2	1,8	-0,3	4,0	6,7	8,3	-0,4	4,7	5,0
São Paulo	5,5	0,1	4,8	3,6	7,7	6,6	8,6	-0,6	4,7	4,5
Mato Grosso do Sul	16,7	10,4	12,3	13,2	15,7	4,7	7,8	1,7	4,6	8,9
Minas Gerais	3,4	-2,3	-0,6	0,2	4,5	6,1	7,0	-1,1	3,9	1,8
Paraná	6,7	-0,3	5,4	4,1	6,9	6,2	7,7	-1,5	3,9	6,3
Rio Grande do Sul	4,3	1,2	6,0	3,9	6,9	7,1	8,6	-2,9	3,9	3,8
Sergipe	3,9	-2,0	6,4	2,8	4,6	7,0	6,8	-2,4	3,7	3,0
Distrito Federal	4,8	-2,5	0,7	1,0	3,0	4,1	8,7	-2,7	3,0	3,2
Santa Catarina	3,1	-2,8	3,2	1,2	4,8	5,9	5,6	-3,6	2,6	2,9
Amazonas	3,1	1,0	1,2	1,8	3,4	6,9	3,7	-3,0	2,5	4,1
Paraíba	13,0	1,9	10,7	8,6	8,9	4,7	5,7	-3,5	2,1	7,6
Rio de Janeiro	5,9	0,7	7,4	4,7	4,3	4,8	6,8	-5,7	1,7	4,2
Espírito Santo	8,6	-0,5	2,5	3,5	9,3	4,9	3,0	-4,3	1,1	0,9
Roraima	4,0	1,9	6,8	4,3	19,8	0,8	1,5	-7,3	-1,9	1,8

Fonte: PMC-IBGE. Elaboração IPECE.

Nota: Ordenado pelo acumulado do ano de 2014.

Já na Tabela 10 têm-se os mesmos índices para o varejo ampliado. Cabe enfatizar aqui que o varejo ampliado cearense foi destaque ao registrar a terceira maior alta no acumulado do ano no valor (7,2%) superado apenas pelos estados de Alagoas (+7,8%) e Acre (+7,2%).

Tabela 10: Variação das vendas do varejo ampliado – Brasil e Estados – Jan.-Mar/2013 – 2014

Estados	jan/13	fev/13	mar/13	Acum. Ano (2013)	Acum. 12 Meses (2013)	jan/14	fev/14	mar/14	Acum. Ano (2014)	Acum. 12 Meses (2014)
Brasil	7,0	1,2	3,1	3,8	7,2	4,7	8,2	-5,7	2,1	3,2
Alagoas	12,1	2,7	2,5	5,8	12,8	7,9	13,7	2,4	7,8	5,6
Acre	15,8	11,1	10,9	12,6	11,9	13,0	13,8	-4,5	7,2	9,8
Ceará	5,3	-2,4	0,6	1,3	8,0	7,0	14,6	0,2	7,0	1,3
Rio Grande do Sul	8,1	3,5	6,1	6,0	8,5	11,5	13,8	-3,2	6,8	6,6
Santa Catarina	7,4	-3,1	-0,5	1,3	3,6	6,7	11,2	0,7	6,0	4,8
Pernambuco	6,6	-1,3	5,2	3,7	8,0	7,9	14,0	-3,6	5,7	5,6
Bahia	6,7	-2,7	-1,1	1,0	9,0	5,8	12,9	-0,8	5,6	2,8
Sergipe	3,6	-3,0	5,1	2,0	6,8	8,9	10,1	-1,8	5,5	2,8
Distrito Federal	3,9	-1,4	-0,7	0,6	5,8	11,2	10,4	-4,6	5,3	0,8
Maranhão	10,5	2,7	4,3	5,9	10,1	4,3	10,9	0,6	5,0	5,1
Mato Grosso	7,8	1,9	5,3	5,0	12,8	6,0	9,2	-2,0	4,1	4,6
Amazonas	4,1	2,6	0,2	2,3	1,6	8,6	5,4	-2,5	3,7	4,9
Paraíba	12,5	1,6	2,3	5,4	6,5	6,4	10,4	-4,9	3,6	7,9
Rio Grande do Norte	7,6	6,2	13,2	9,1	9,0	6,6	10,1	-5,4	3,4	7,4
Piauí	8,8	-1,0	8,6	5,6	7,8	4,0	10,6	-3,7	3,2	5,4
Tocantins	7,0	3,4	1,9	4,1	13,4	3,1	6,2	-0,4	2,8	2,1
Rio de Janeiro	8,6	0,7	6,0	5,2	5,0	2,5	12,0	-5,1	2,6	5,4
Pará	9,1	4,0	4,4	5,8	10,9	4,4	6,1	-2,5	2,5	1,8
Rondônia	6,5	-0,4	10,3	5,6	5,8	2,9	7,5	-4,6	1,5	0,2
Paraná	9,9	5,5	7,1	7,6	7,8	5,2	5,3	-6,8	1,0	5,4
São Paulo	5,3	1,8	3,3	3,5	8,2	4,3	6,9	-8,0	0,6	2,3
Mato Grosso do Sul	15,4	9,2	11,2	12,0	10,6	-0,1	4,0	-3,9	-0,2	4,8
Goiás	11,0	5,7	9,4	8,8	9,4	1,6	3,6	-6,7	-0,7	3,0
Roraima	12,6	9,0	3,7	8,2	15,6	-0,3	0,6	-4,5	-1,5	0,8
Minas Gerais	6,7	-0,4	-4,0	0,6	4,1	2,4	2,5	-9,4	-1,7	-1,0
Amapá	9,5	8,1	8,9	8,8	13,0	-12,7	-3,2	-2,2	-6,2	-2,1
Espírito Santo	2,1	-5,8	-4,6	-2,7	2,3	-7,3	-2,7	-13,1	-7,9	-5,5

Fonte: PMC-IBGE. Elaboração IPECE.

Nota: Ordenado pelo acumulado do ano de 2014.

Evolução Setorial das Vendas do Varejo

Na análise setorial é possível perceber que todos os setores registraram alta acumulada na comparação com igual período de 2013. Como destaque, podem-se elencar: Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (+23,8%); Móveis (+23,1%); Outros artigos de uso pessoal e doméstico (+21,7%). (Tabela 11).

O setor de Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação apresentou forte recuperação após a queda de 15,5% registrada no acumulado do primeiro trimestre de 2013. Por outro lado, as vendas de Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos registraram uma forte retração na trajetória de crescimento, passando de uma alta de 21,7%, em 2013, para 2,5% em 2014. Outro setor que também apresentou recuperação foi Outros artigos de uso pessoal e doméstico passando de -2,5% em 2013 para 21,7% em 2014.

Apesar do setor de Combustíveis e lubrificantes ter registrado queda de 19,0% em 2013 para 13,0% em 2014, esse setor ainda ocupa a quinta maior alta dentre todos os setores isoladamente investigados.

Tabela 11: Variação das vendas do varejo comum – Ceará – Jan.-Mar/2013 – 2014

Atividades	jan/13	fev/13	mar/13	Acum. Ano (2013)	Acum. 12 Meses (2013)	jan/14	fev/14	mar/14	Acum. Ano (2014)	Acum. 12 Meses (2014)
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-13,9	-20,4	-12,6	-15,5	-25,2	15,9	35,2	22,1	23,8	9,6
Móveis	5,3	-0,5	30,4	11,7	20,7	24,3	43,8	7,3	23,1	26,3
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	0,7	-7,4	-1,2	-2,5	-3,1	25,7	28,2	12,3	21,7	8,6
Móveis eletrodomésticos	15,9	-7,7	0,0	3,1	19,6	10,9	31,1	14,4	17,7	9,1
Eletrodomésticos	23,1	-10,4	-14,0	-0,6	19,4	3,0	23,4	18,7	13,7	-0,6
Combustíveis e lubrificantes	27,3	9,5	20,0	19,0	22,9	6,9	20,9	12,6	13,0	11,0
Tecidos, vestuário e calçados	11,5	-2,0	2,0	4,1	9,3	9,1	25,8	3,3	12,0	7,7
Material de construção	6,1	11,6	-10,1	1,9	12,5	-1,8	14,9	1,1	4,4	4,1
Hipermercados e supermercados	6,0	-4,0	5,5	2,5	6,9	4,9	6,4	0,2	3,7	-0,1
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	6,0	-3,4	4,9	2,5	7,0	4,1	6,0	0,2	3,3	-0,1
Veículos, motocicletas, partes e peças	-3,5	-6,6	-6,6	-5,5	5,3	6,3	14,9	-10,7	3,0	-6,4
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	20,9	24,4	20,1	21,7	15,2	10,3	1,0	-3,6	2,5	12,3
Livros, jornais, revistas e papelaria	0,1	-2,3	-6,3	-1,6	-3,6	-4,2	10,2	13,7	2,3	0,2

Fonte: PMC-IBGE. Elaboração IPECE.

Nota: Ordenado pelo acumulado do ano de 2014.

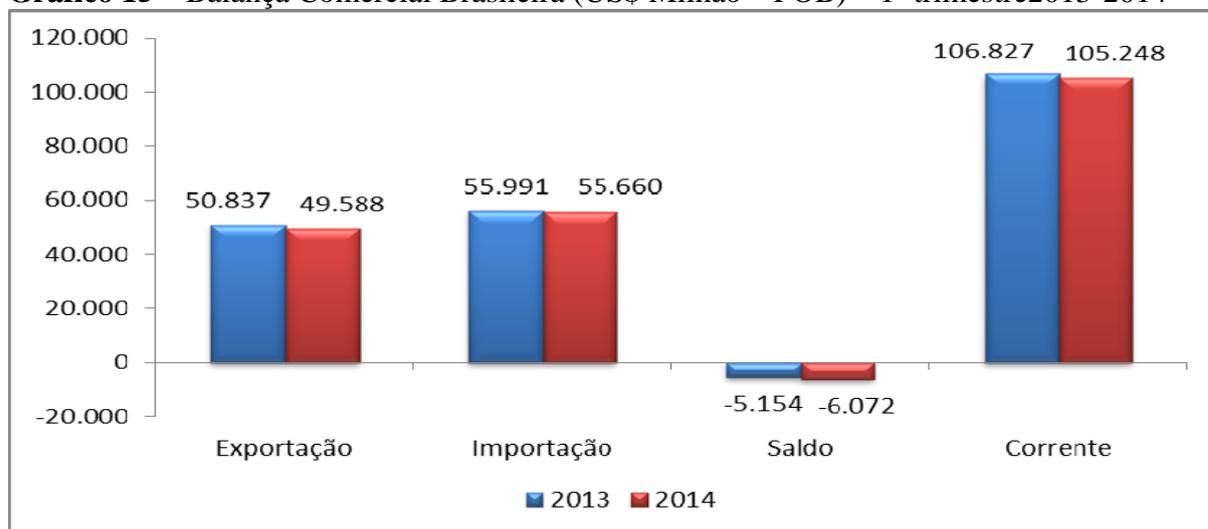
3.5 Comércio Exterior

De acordo com os dados divulgados pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), a balança comercial brasileira teve o pior primeiro trimestre em 21 anos, com um déficit de US\$ 6,07 bilhões. Até então, o pior resultado para o primeiro trimestre havia sido registrado em 2013.

Embora os dados sejam nominais, não se considerando os efeitos da inflação, eles reforçam as evidências de fraqueza no comércio exterior do País. O rombo acumulado neste ano supera em 17% o verificado nos três primeiros meses do ano passado, quando o saldo negativo de US\$ 5,2 bilhões foi considerado significativo. (Gráfico 15). Pode-se afirmar, portanto, que o resultado positivo de março não foi suficiente para reverter o processo de deterioração da balança comercial que se verificou nos dois primeiros meses de 2014.

O resultado do último mês do trimestre se deveu à forte alta das vendas de soja (73%) na comparação com março de 2013. A China é ainda o mercado que está impulsionando esse crescimento.

Gráfico 15 – Balança Comercial Brasileira (US\$ Milhão – FOB) – 1º trimestre 2013-2014



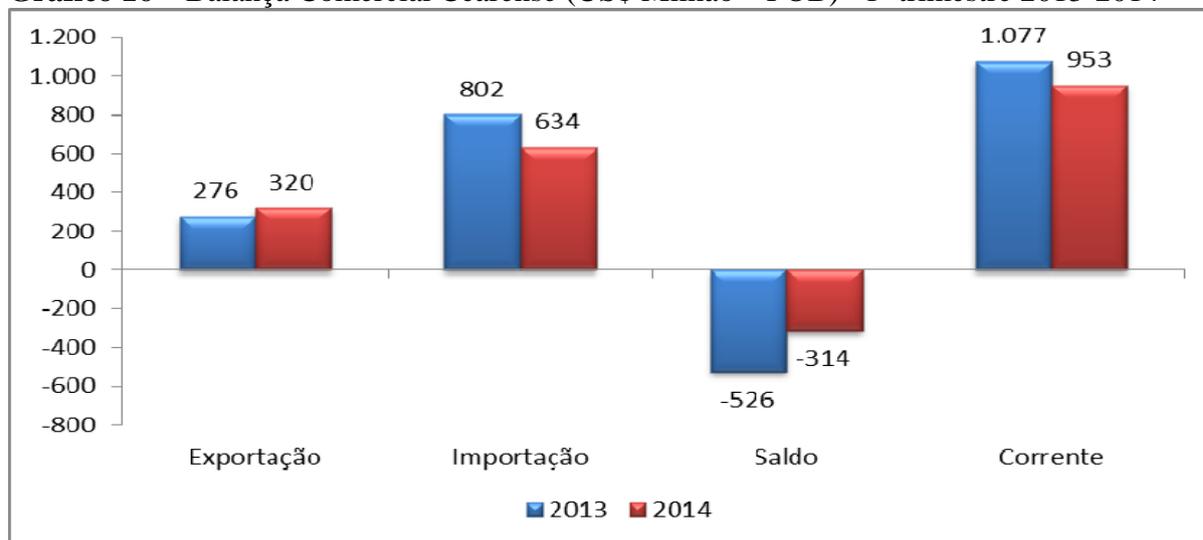
Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

Por outro lado, as exportações do estado do Ceará totalizaram US\$ 319,92 milhões, registrando uma alta 16,05% comparada ao primeiro trimestre de 2013. Quanto às importações, observou-se uma descontinuidade na trajetória de expansão, uma vez que atingiu um valor de US\$ 633,57 milhões, significando uma retração de 20,96% sobre o mesmo período de 2013. (Gráfico 16).

Por sua vez, a balança comercial prossegue registrando valores deficitários, com saldo negativo de US\$ 313,64 milhões nesse primeiro trimestre do ano. Quando comparado ao mesmo período de 2013, quando o déficit atingiu o valor de US\$ 525,86 milhões, observa-se uma redução de 40,36%, o que representa em termos absolutos crescimento de US\$ 212,21 milhões.

No cenário nacional, o Ceará apresentou participação de 0,65%, maior do que o mesmo período do ano passado. Mas em termos relativos ganhou posição, evoluindo para o 14º lugar, em virtude da queda acentuada das exportações de Alagoas e Pernambuco. Em nível regional, as exportações cearenses responderam por 9,74%, ficando em 3º lugar no cômputo regional.

Gráfico 16 – Balança Comercial Cearense (US\$ Milhão – FOB) – 1º trimestre 2013-2014



Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

Exportações

A pauta de exportação cearense, no primeiro trimestre de 2014, continua sendo liderada pelas vendas de Calçados e partes, que representou 25,02% do total exportado pelo Estado, totalizando o valor de US\$ 80,03 milhões. Porém, ressaltar-se a queda apresentada nas vendas desses produtos (-1,67%), na comparação com o 1º trimestre de 2013, causada pela redução das vendas para os Estados Unidos e Argentina. (Tabela 12).

Combustíveis minerais ficaram em segundo lugar com a quantia exportada de US\$ 73,92 milhões, respondendo por 23,10% da pauta cearense. Essa alta está atrelada, mais uma vez, ao produto *fuel oil*. Apesar de sua importância na pauta cearense, esse produto não faz parte da estrutura produtiva estadual, sendo importado de outros estados e do exterior, já refinado e armazenado no porto para ser vendido aos navios de bandeira estrangeira, devido à localização geográfica do Estado, gerando com isso maiores oportunidades de empregos.

Couros e Peles ficaram em terceiro lugar gerando uma receita de aproximadamente US\$ 52,01 milhões com participação de 16,26% do total da pauta de vendas nesse primeiro trimestre de 2014. Contudo, vale ressaltar a alta apresentada por esses produtos (25,66%) quando comparada com o primeiro trimestre de 2013, causada pelo aumento das vendas externas para alguns países, como Itália, Hungria e China.

As exportações de frutas foram a grande surpresa da pauta estadual nesse primeiro trimestre, pois mesmo ocupando o quarto lugar, com a quantia exportada de US\$ 27,08 milhões (8,47% da pauta cearense), ainda sofreu redução de 13,02% quando comparada ao mesmo período de 2013. Vale destacar que o Ceará expandiu as vendas para outros países, como Espanha, Reino Unido e Países Baixos (Holanda). A castanha de caju também apresentou desempenho baixo nas vendas externas, com queda de 3,40% em relação ao mesmo período de 2013. Essa queda deveu-se, principalmente, à redução drástica na produção ocasionada pela estiagem.

A principal via de escoamento dos produtos cearenses no primeiro trimestre do ano de 2014 continua sendo a marítima (92,02%). O principal porto no primeiro trimestre de 2014 foi o do Pecém (52,29%), exportando *fuel oil*, calçados, castanha de caju, ceras vegetais, sucos (sumo) e melão.

Tabela 12 – Principais Produtos Exportados – 1º Trimestre -2013-2014 (US\$ FOB)

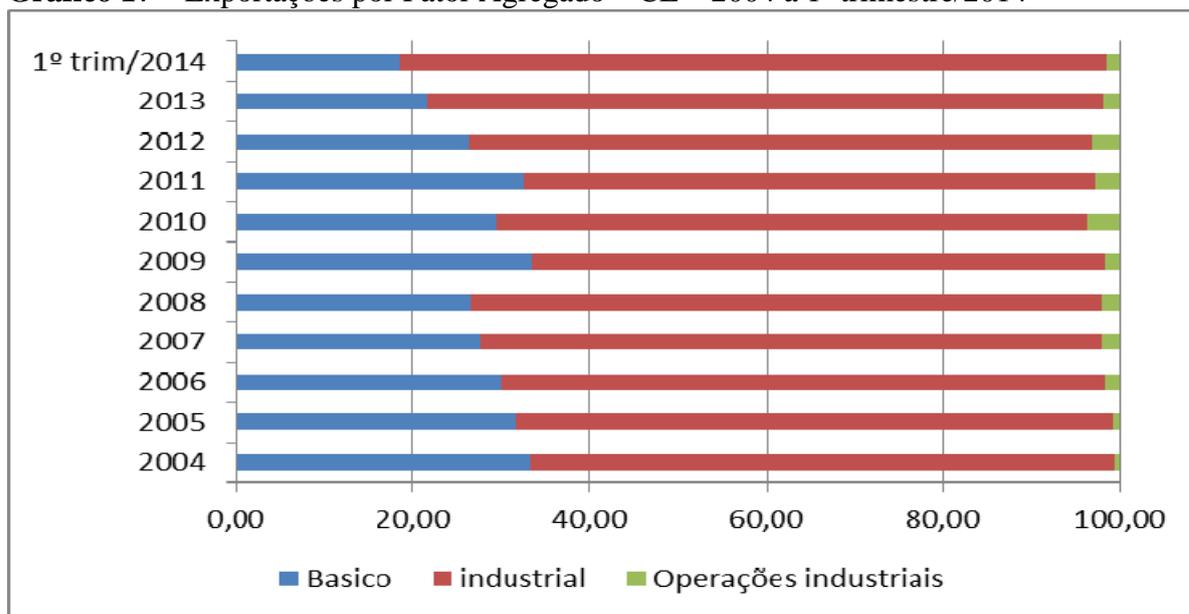
Principais Produtos	2014	Part%	2013	Part%	Var. Acum 14/13
Calçados e partes	80.037.977	25,02	81.397.808	29,53	-1,67
Combustíveis minerais	73.912.112	23,10	2.232.252	0,81	3211,10
Couros e peles	52.015.941	16,26	41.394.361	15,02	25,66
Frutas (exclusive castanha de caju)	27.085.036	8,47	31.138.333	11,29	-13,02
Castanha de caju, fresca ou seca, sem casca	25.529.190	7,98	26.428.705	9,59	-3,40
Ceras vegetais	17.613.275	5,51	15.417.183	5,59	14,24
Preparações Alimentícias	11.683.937	3,65	15.801.213	5,73	-26,06
Têxteis	8.904.039	2,78	13.474.156	4,89	-33,92
Sucos (sumo) de outras frutas,n/fermen.s/adicação de acú.	6.080.837	1,90	8.640.463	3,13	-29,62
Consumo de bordo	4.885.538	1,53	6.442.180	2,34	-24,16
Produtos Metalúrgicos	3.622.960	1,13	5.453.457	1,98	-33,57
Obras de pedra gesso e Cimento	2.466.430	0,77	2.657.746	0,96	-7,20
Mel natural	1.679.924	0,53	545.178	0,20	208,14
Vestuário	847.920	0,27	1.209.404	0,44	-29,89
Máquinas e Equipamentos	687.344	0,21	17.288.406	6,27	-96,02
Demais produtos	2.868.336	0,90	6.163.968	2,24	-53,47
Ceará	319.920.796	100,00	275.684.813	100,00	16,05

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

As exportações detalhadas por fator agregado no primeiro trimestre de 2014 realçam a tendência de crescimento frente ao primeiro trimestre de 2013 e redução de 38% relativamente ao quarto trimestre de 2013. As exportações de produtos básicos alcançaram US\$ 59,46 milhões, mostrando queda de 49,38% na comparação com o quarto trimestre de 2013 e redução de 7,1% para o mesmo período de 2013. (Gráfico 17).

Já as exportações de manufaturados somaram US\$ 183,96 milhões ampliando-se em 27% se relacionadas ao primeiro trimestre de 2013 e regredindo 44,08% na comparação com o quarto trimestre de 2013.

As exportações de produtos semimanufaturados totalizaram US\$ 71,60 milhões em 2014, evoluindo 7,6% frente ao quarto trimestre de 2013 e 19,64% quando comparadas ao mesmo período de 2013.

Gráfico 17 – Exportações por Fator Agregado – CE – 2004 a 1º trimestre/2014

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

Importações

No primeiro trimestre de 2014, o valor das importações brasileiras apresentou comportamento praticamente estável, comparado ao mesmo período de 2013. O mesmo não foi verificado para as importações cearenses, que para esse mesmo período, registraram queda de 21%. Ainda assim, o Ceará continua em 14º lugar na posição do *ranking* brasileiro.

Com relação aos demais estados brasileiros, observou-se que 16 estados, incluindo o Ceará, tiveram reduções nas importações no primeiro trimestre de 2014, com relação ao mesmo período de 2013. Pará, Maranhão, Rio Grande do Norte, Mato Grosso e Ceará foram os estados com maiores reduções nas importações, enquanto Amapá, Acre e Tocantins tiveram as maiores variações. Em termos absolutos, São Paulo foi o Estado que mais aumentou o valor das importações, seguido de Santa Catarina e Amazonas.

A Região Nordeste importou um total de US\$ 7,0 bilhões de janeiro a março de 2014, valor abaixo do verificado no mesmo período de 2013 (US\$ 7,8 bilhões). O Nordeste participou com 12,6% das importações brasileiras.

As importações do Estado do Ceará quebraram uma sequência de crescimento para o primeiro trimestre do ano, que vinha sendo observada desde 2005, tendo uma redução de 20,95% em relação primeiro trimestre de 2013. Essa redução foi influenciada pela valorização do dólar nos últimos meses, desestimulando assim as importações, principalmente dos setores de metalurgia e alimentos.

Conforme visto na Tabela 13, essa queda no primeiro trimestre de 2014 foi percebida mais fortemente na compra de Produtos Metalúrgicos e Trigo com variação de 31,8% e 53,6%,

respectivamente. Também tiveram redução as importações de Óleo de dendê (-7,11%) e Aparelhos Médicos, ópticos e precisão (-7,14%).

Os produtos do setor Máquinas e equipamentos foram os mais importados no primeiro trimestre de 2014, com valor de US\$ 155,9 milhões, respondendo por 24,6% das importações totais do Ceará. Dentro desse segmento destacam-se: máquinas e aparelhos para esmagar substância mineral sólida, Perfuratriz rotativa, auto propulsora e Máquinas e aparelhos para indústria de panificação, pastelaria. Além desses produtos, ressaltam-se também a importação de Outras construções e suas partes de ferro fundido/ferro/aço e cimento.

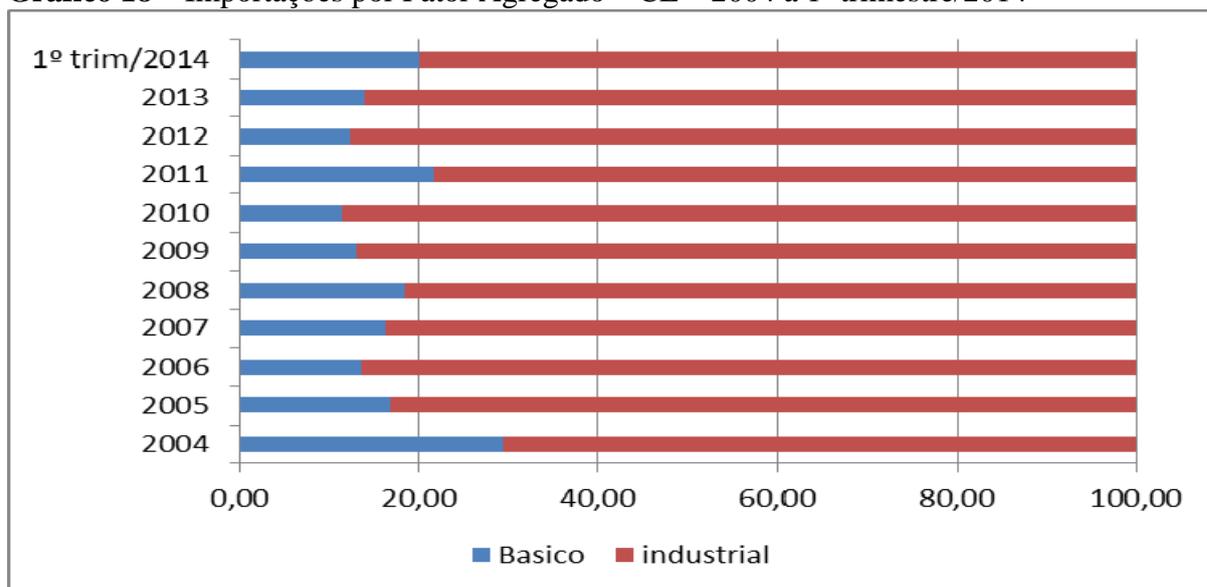
As compras externas de Produtos Têxteis cresceram 17,6% no primeiro trimestre de 2014. O produto mais importado desse setor foi outros tipos de algodão não cardado nem penteado. Também tiveram crescimento as importações de Produtos químicos (27,1%), Aeronaves (325,2%) e Plástico e suas obras (12,4%). A participação dos quinze principais segmentos e produtos importados pelo Ceará representou 98,2% do total adquirido pelo Estado. (Tabela 13).

Tabela 13 – Principais Produtos Importados – 1º trimestre - 2013-2014 (US\$ FOB)

Principais Produtos	2014	Part%	2013	Part%	Var. Acum 14/13
Máquinas e Equipamentos	155.949.261	24,61	106.077.618	13,23	47,01
Produtos Metalúrgicos	103.042.303	16,26	151.132.384	18,85	-31,82
Têxteis	56.817.114	8,97	48.319.817	6,03	17,59
Combustíveis minerais	55.697.008	8,79	228.391.831	28,49	-75,61
Produtos Químicos	50.110.799	7,91	39.426.013	4,92	27,10
Outros trigos e misturas de trigo c/centeio	39.364.821	6,21	84.894.429	10,59	-53,63
Aeronaves e aparelhos espaciais	38.008.946	6,00	8.938.393	1,12	325,23
Óleo de Dendê	20.992.269	3,31	22.600.245	2,82	-7,11
Plásticos e Obras	16.510.101	2,61	14.694.131	1,83	12,36
Litorinas de fonte ext.de eletricidade	12.091.503	1,91	11.496.932	1,43	5,17
Vestuário	11.287.619	1,78	6.410.616	0,80	76,08
Cimento	7.196.008	1,14	6.337.993	0,79	13,54
Vidros e suas obras	7.104.441	1,12	6.332.126	0,79	12,20
Apar. Médicos, ópticos e precisão.	7.041.753	1,11	7.583.421	0,95	-7,14
Papel ,cartão e suas obras	6.950.831	1,10	5.059.149	0,63	37,39
Demais Produtos	45.405.270	7,17	53.858.051	6,72	-15,69
Ceará	633.570.047	100,00	801.553.149	100,00	-20,96

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE

Quando se analisa por fator agregado, observa-se que desde 2005 as importações cearenses de bens industriais vêm respondendo por, aproximadamente, 80% do total cearense, comportamento idêntico ao verificado para o primeiro trimestre de 2014 (Gráfico 18).

Gráfico 18 – Importações por Fator Agregado – CE – 2004 a 1º trimestre/2014

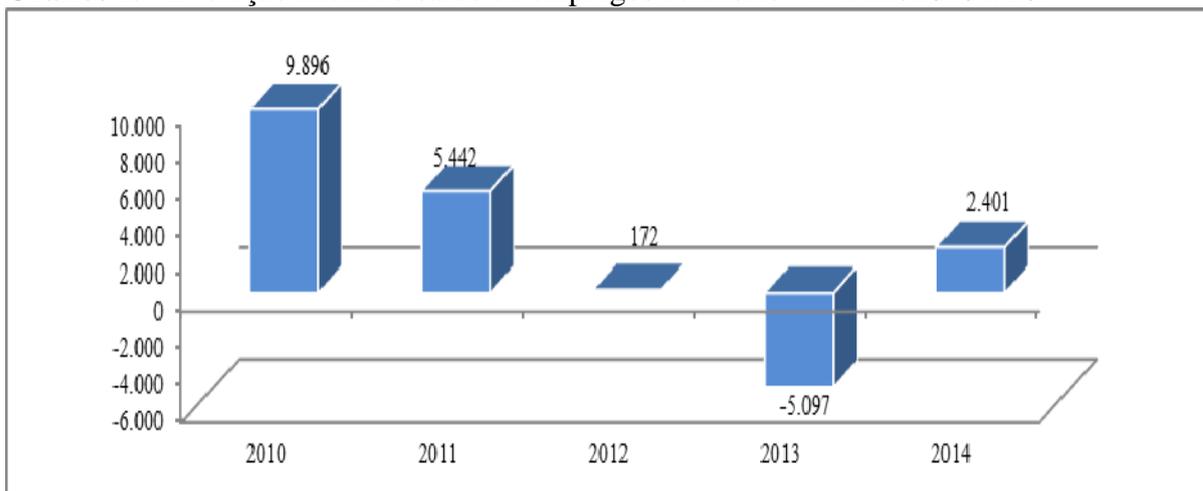
Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

4 MERCADO DE TRABALHO

4.1. Evolução dos Empregos Celetistas

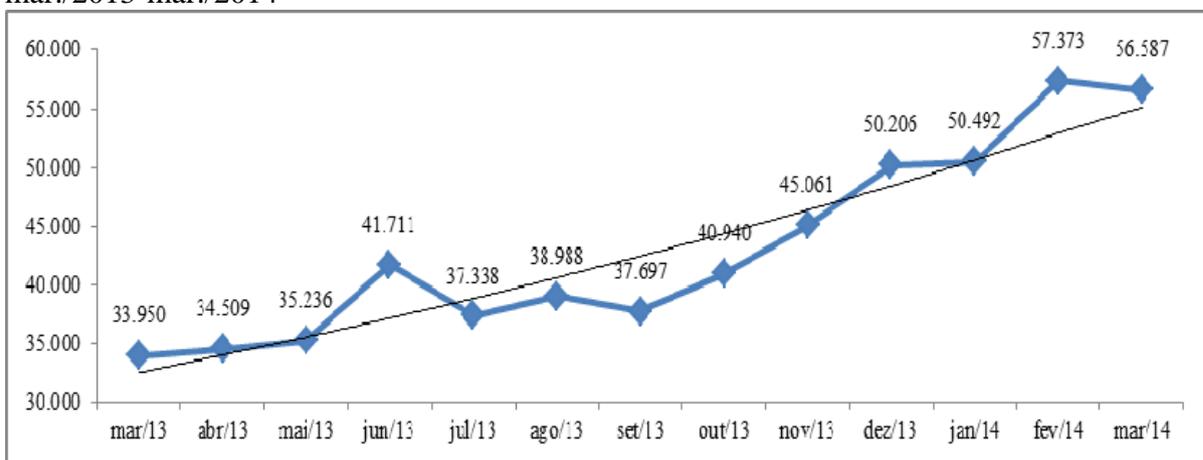
Conforme dados reportados pela CAGED, do Ministério do Trabalho e Emprego, o número de pessoas admitidas com carteira assinada no mês de março de 2014 na economia cearense totalizou 38.647 pessoas e o número de pessoas demitidas foi de 40.647 pessoas, resultando num perda de postos de trabalho de 2.000 vagas.

No acumulado do ano, a geração de novos postos de trabalho foi positiva em 2.401 novas vagas. De acordo com o Gráfico 19 ocorreu uma nítida retomada na geração de novos postos de trabalho na economia cearense, haja vista a forte perda de postos de trabalho com carteira assinada no primeiro trimestre de 2013.

Gráfico 19: Evolução anual do saldo de empregos celetistas - 1º trim./2010 a 2014

Fonte: CAGED-MTE. Elaboração IPECE.

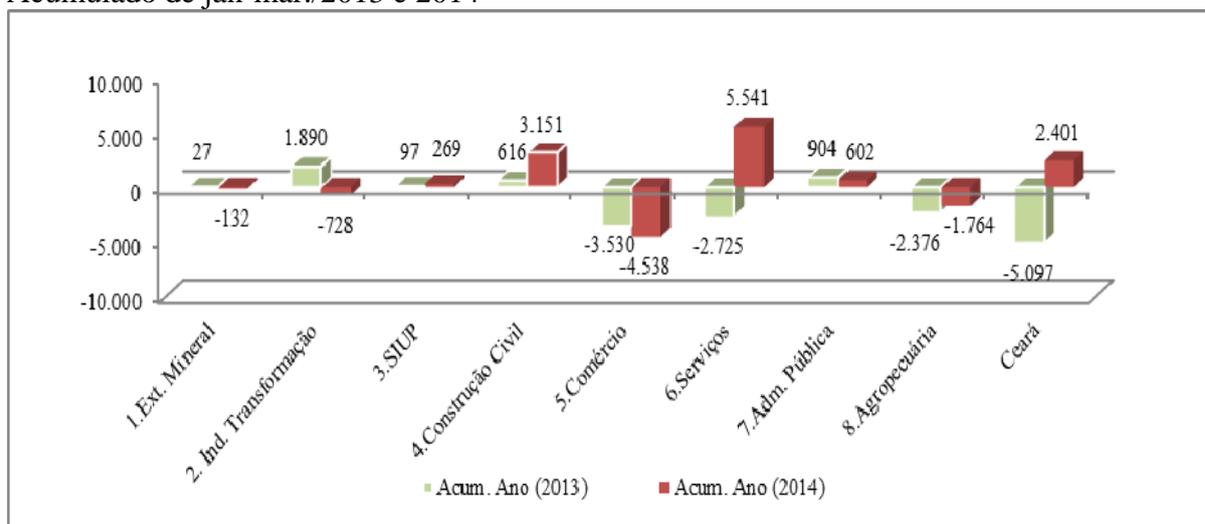
Pela análise do Gráfico 20 é possível notar que está ocorrendo uma nítida retomada da geração de empregos na economia cearense nos últimos meses do ano de 2013, mantida ao longo do primeiro trimestre de 2014, em função do grande número de novos postos de trabalho com carteira assinada gerados no mês de fevereiro desse ano, puxado principalmente pelo setor de Serviços e pela Construção civil.

Gráfico 20: Evolução do saldo de empregos celetistas no acumulado de 12 meses – mar./2013-mar./2014

Fonte: CAGED-MTE. Elaboração IPECE.

4.2. Análise Setorial dos Empregos Celetistas

Na análise setorial, vale destacar que dos oito setores analisados apenas três conseguiram gerar mais empregos no ano de 2014 que em igual período de 2013: Serviços, Construção civil e SIUP, como pode ser visto no Gráfico 21 abaixo.

Gráfico 21: Evolução do saldo acumulado de empregos celetistas na economia cearense – Acumulado de jan-mar./2013 e 2014

Fonte: CAGED-MTE. Elaboração IPECE.

O setor de Serviços registrou forte recuperação, enquanto a Construção civil registrou um forte aumento no número de novos postos de trabalho com 2.535 novas vagas de trabalho geradas a mais que igual período do ano passado, revelando que esse setor voltou a registrar uma retomada de contratações nos dois primeiros meses do ano. No caso do SIUP a geração de empregos foi de 172 postos a mais que em igual período de 2013.

O setor do Comércio continuou registrando, no acumulado até março de 2014, perda de postos de trabalho, superior à que foi registrada no mesmo período de 2013. Essa perda de postos de trabalho nesse setor é típica para o período devido as demissões de empregos temporários gerados até o final do ano passado. A Agropecuária registrou também perda de postos de trabalho, em função de fatores sazonais.

Por fim, depois de registrar uma grande geração de novos postos de trabalho no acumulado até março do ano passado (1.890 postos), a Indústria de transformação voltou a desempregar registrando novo saldo negativo de 728 vagas.

5 INTERMEDIÇÃO FINANCEIRA

No final de março de 2014 o saldo das operações de crédito no Nordeste chegou a R\$ 345 bilhões de reais, representando um crescimento de 12,6% em relação a março de 2013. Do total das operações realizadas na região nesse período cabe ressaltar que 54,7% foram realizadas por pessoas físicas e 45,3% por pessoas jurídicas.

A Bahia foi o Estado que mais realizou operações de crédito, ultrapassando a casa dos R\$ 100 bilhões e o Estado de Alagoas foi o que menos realizou essas operações, alcançando um total de R\$ 17,8 bilhões no mesmo mês. O Rio Grande do Norte, por sua vez, foi o Estado que teve a maior variação positiva nas operações de crédito realizadas entre março de 2013 e março de 2014, alcançando um total de 21,1%.

No Ceará, a variação nominal nas operações de crédito no período de março de 2013 a março de 2014 foi de 14,6%, sendo maior apenas que a do estado de Pernambuco (12,1%). No tocante ao mês de março de 2014 o Ceará realizou R\$ 51,2 bilhões em operações de crédito com 51,6% das operações de crédito realizadas por pessoas físicas e 48,4% por pessoas jurídicas (Tabela 14).

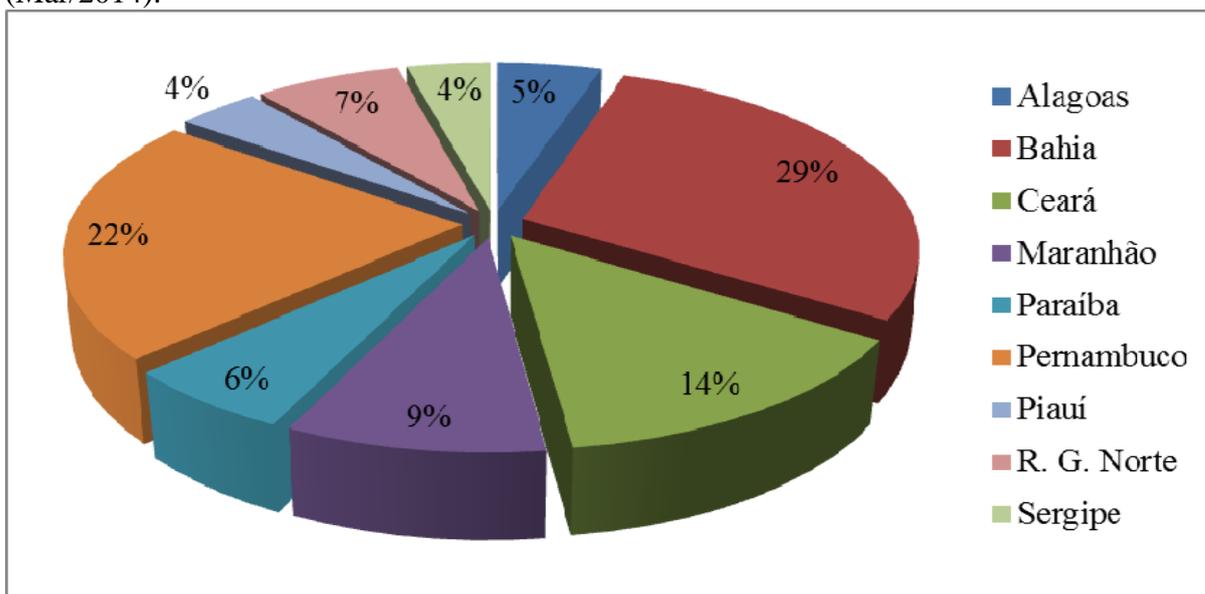
Tabela 14 – Saldo das Operações de Crédito do SFN do Nordeste e seus Estados – março/2013 e março/2014.

ESTADOS	Saldo Operações de Crédito do SFN (R\$ milhões) (1)						Variação Nominal (total)	Participação (%) setembro de 2013 total
	Março 2013			Março 2014				
	Pessoas Físicas	Pessoas Jurídicas	Total (a)	Pessoas Físicas	Pessoas Jurídicas	Total (b)	(b) / (a) (%)	
	Alagoas	9.976	5.52	15.496	11.683	6.101	17.784	
Bahia	43.588	43.751	87.339	51.611	50.531	102.142	16.9	29
Ceará	22.411	22.279	44.69	26.434	24.792	51.227	14.6	14
Maranhão	16.474	10.5	26.974	19.308	11.928	31.236	15.8	9
Paraíba	12.433	5.614	18.047	14.886	6.660	21.545	19.4	6
Pernambuco	27.037	39.87	66.908	31.169	43.892	75.060	12.1	22
Piauí	7.879	4.677	12.555	9.173	5.589	14.762	17.6	4
R. G. Norte	12.401	8.55	20.951	14.746	10.614	25.36	21.1	7
Sergipe	8.235	5.282	13.517	9.655	6.294	15.948	18.0	4
NORDESTE	160.433	146.044	306.477	188.664	156.401	345.065	12.6	100

Fonte: BANCO CENTRAL DO BRASIL. Nota: (1) Saldo das operações de crédito realizadas pelos bancos múltiplos, bancos comerciais, Caixa Econômica Federal, bancos de investimento, bancos de desenvolvimento, companhias hipotecárias, agências de fomento e sociedades de arrendamento mercantil.

O Gráfico 22 a seguir retrata a participação de cada Estado do Nordeste no total das operações de crédito do Sistema Financeiro Nacional no mês de março de 2014. O estado do Ceará participou com 14%, ficando atrás dos Estados da Bahia (29%) e Pernambuco (22%). Piauí e Sergipe, por outro lado, foram os que detiveram a menor participação, em torno de 4% cada um.

Gráfico 22 – Participação (%) dos Estados nas operações de Crédito realizadas no NE (Mar/2014).



Fonte: BANCO CENTRAL DO BRASIL

A Tabela 15 apresenta a taxa de inadimplência nas operações de crédito do Sistema Financeiro Nacional na Região Nordeste tanto das pessoas físicas como das jurídicas referente ao mês de março de 2013 e março de 2014. Na Região como um todo, a taxa de inadimplência sofreu uma redução, passando dos 4,33% em março de 2013 para 3,77% em março de 2014. Essa redução se estendeu tanto para as pessoas físicas como jurídicas. No caso específico das pessoas físicas a inadimplência em março de 2014 ficou em torno de 5,16% superando em dobro a inadimplência apresentada pelas pessoas jurídicas (2,25%).

Alagoas foi o Estado que apresentou a maior taxa total de inadimplência em relação aos demais da região, tanto em março de 2013, com uma taxa de 5,48%, como em março de 2014, que ficou em torno dos 5%. Além disso, foi o único Estado a ultrapassar a casa dos 6% no que se refere à inadimplência das pessoas físicas no ano de 2014. Já Pernambuco foi o Estado da região que apresentou a menor taxa de inadimplência, influenciada principalmente pela baixa observada na inadimplência das pessoas jurídicas.

No Ceará, a taxa de inadimplência sofreu uma redução, passando de 4,4% em março de 2013 para 3,6% em março de 2014, ficando pouco abaixo do resultado apresentado pelo Nordeste (3,77%). Da inadimplência verificada no Ceará em março de 2014, um total de 4,9% refere-se

às pessoas físicas e 2,39% às jurídicas, o que é natural já que as pessoas jurídicas oferecem garantias que podem levar a uma considerável redução na inadimplência após 90 dias.

Tabela 15 – Taxa de inadimplência do Nordeste e seus Estados – março/2013 e março/2014.

ESTADOS	Taxa de Inadimplência das Operações de Crédito do SFN (%)					
	Março			Março		
	2013			2014		
	Pessoas Físicas	Pessoas Jurídicas	Total	Pessoas Físicas	Pessoas Jurídicas	Total
Alagoas	6,83	3,26	5,48	6,07	3,27	5,05
Bahia	6,07	3,09	4,52	5,13	2,26	3,65
Ceará	6,20	2,84	4,44	4,90	2,39	3,61
Maranhão	6,56	2,75	5,04	5,22	2,8	4,27
Paraíba	6,07	3,65	5,27	5,08	3,26	4,48
Pernambuco	6,21	1,47	3,25	5,65	1,63	3,43
Piauí	5,73	2,52	4,49	5,04	2,08	3,88
R. G. Norte	5,45	2,67	4,26	4,51	2,07	3,44
Sergipe	4,78	3,07	4,08	4,45	2,45	3,63
NORDESTE	6,08	2,57	4,33	5,16	2,25	3,77

Fonte: BANCO CENTRAL DO BRASIL. Nota: (1) Corresponde ao valor das operações vencidas há mais de 90 dias sobre o total das operações de crédito.

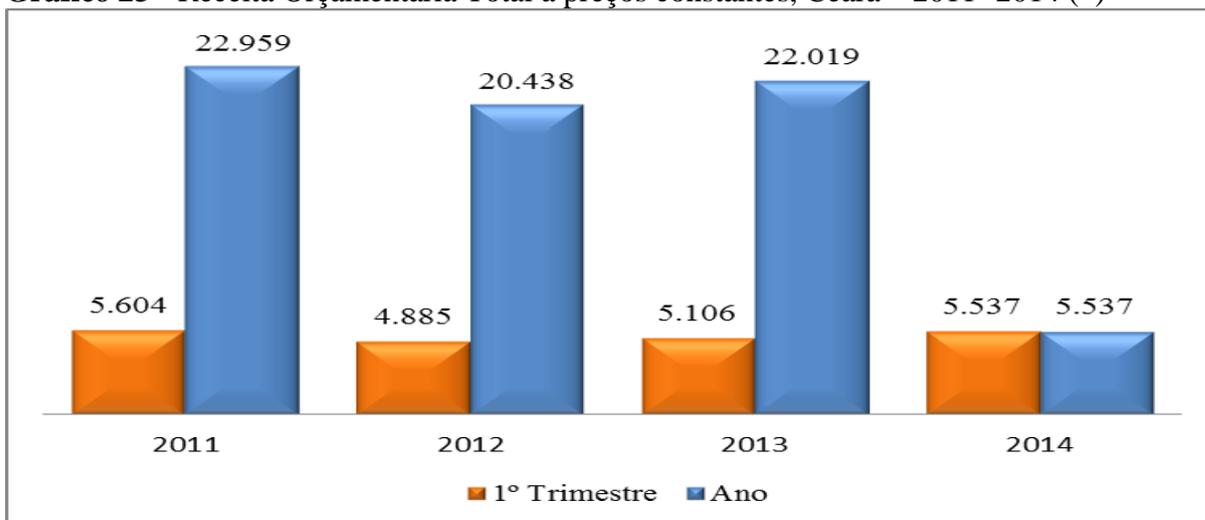
6 FINANÇAS PÚBLICAS

6.1 Resultado Fiscal

No acumulado até abril de 2014 o Estado apresentou um superávit primário, diferença entre receitas correntes e despesas correntes, de R\$ 1.200 milhões, segundo dados da SEFAZ/CE (Secretaria da Fazenda do Ceará). No mesmo período de 2013, houve um superávit primário da ordem de R\$ 1.878 milhões.

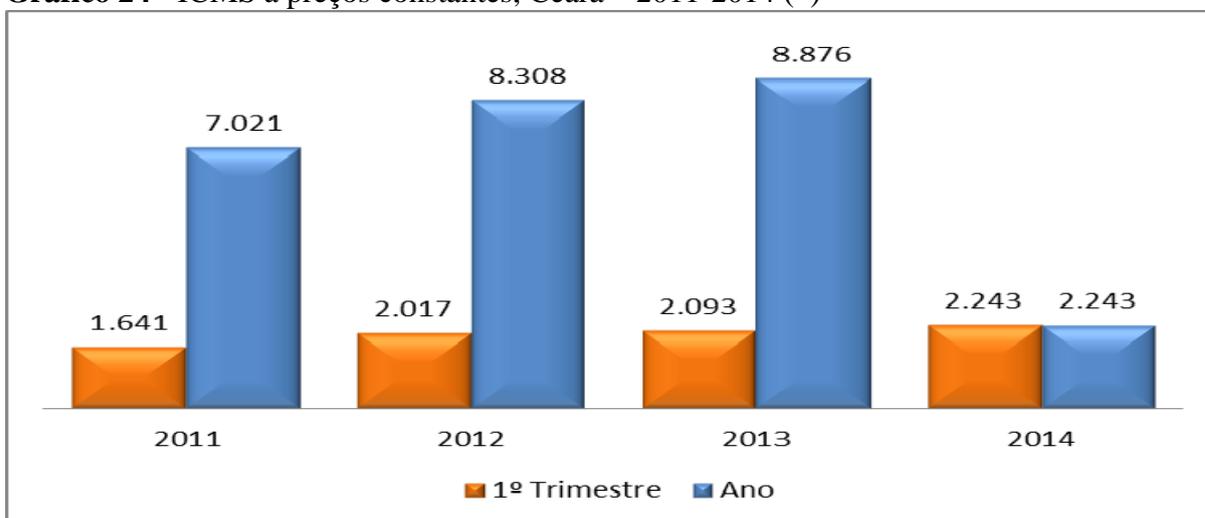
6.2 Receitas

Como pode ser observado no Gráfico 23 as receitas estaduais totalizaram R\$ 5.537 milhões no primeiro trimestre de 2014, representando um crescimento real de 8,5% em relação ao primeiro trimestre de 2013. Observa-se, assim, a continuidade da recuperação das receitas estaduais após a queda verificada em 2012. Entretanto, pode-se constatar que as receitas estaduais, no primeiro trimestre de 2014, ainda não alcançaram os níveis de 2011, que foram de R\$ 5.604 milhões.

Gráfico 23 - Receita Orçamentária Total a preços constantes, Ceará – 2011 -2014 (*)

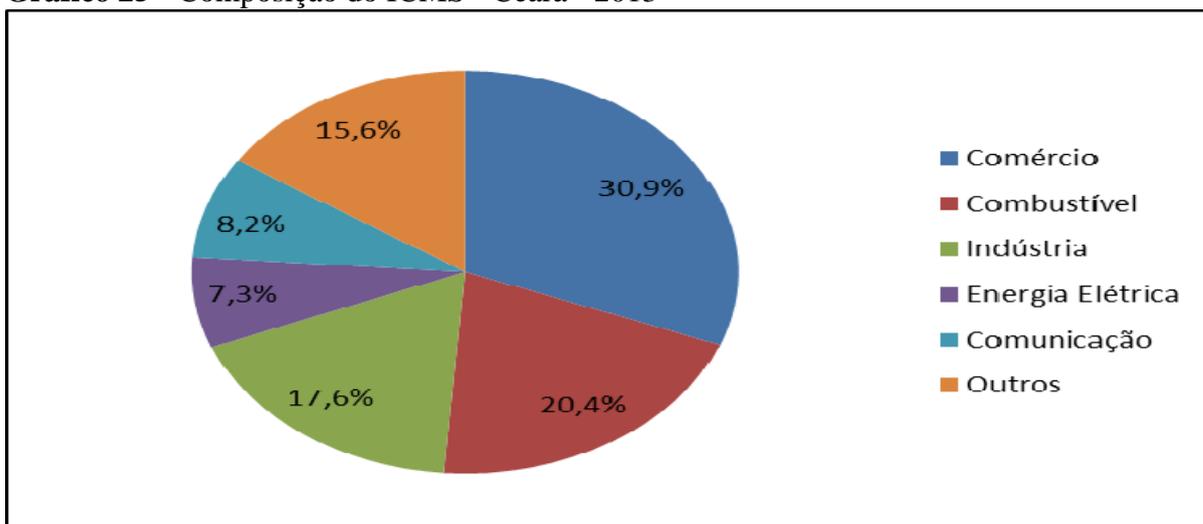
Fonte: Sefaz-Sic/Smart. (*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 1º trimestre de 2014.

Quanto à arrecadação de ICMS (Imposto sobre Circulação de Bens e Serviços), o Gráfico 24, abaixo, mostra uma tendência de crescimento ao longo do período, registrando um crescimento de 36,7% entre o primeiro trimestre de 2011 e idêntico período de 2014. Esse fato contribui para a redução da dependência do governo estadual das transferências federais.

Gráfico 24 - ICMS a preços constantes, Ceará – 2011-2014 (*)

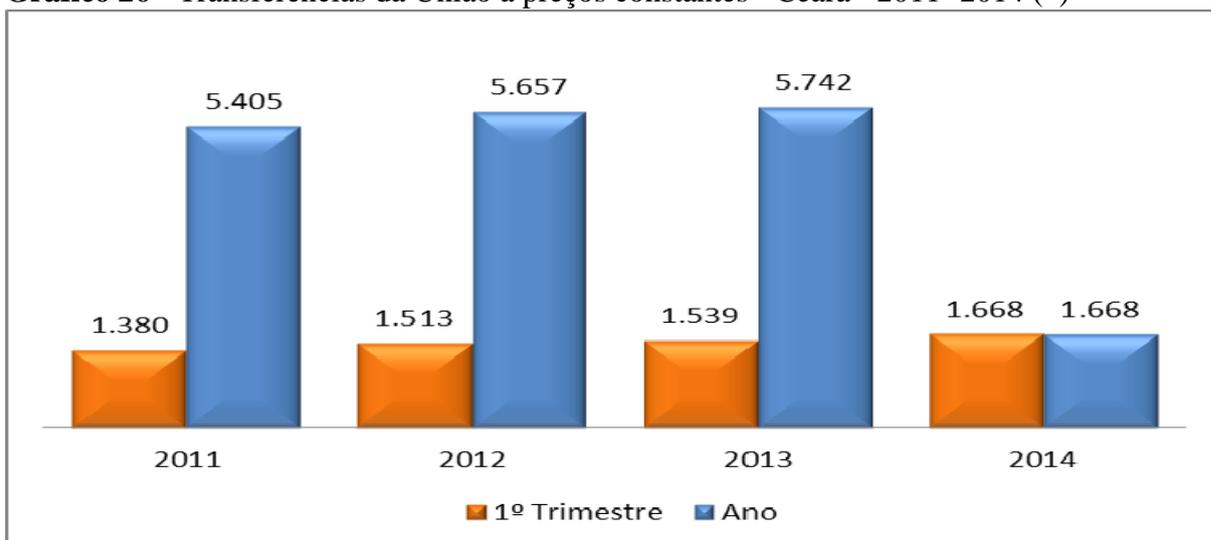
Fonte: Sefaz-Sic/Smart. (*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 1º trimestre de 2014.

Em relação à composição do ICMS para o ano de 2013 verifica-se pelo Gráfico 25 que a atividade de maior arrecadação é o Comércio, com 30,9 % do ICMS total, seguida do Combustível (20,4%), Indústria (17,6%), Comunicação (8,2%), Energia Elétrica (7,3%) e a Categoria Outros (15,6%).

Gráfico 25 - Composição do ICMS - Ceará - 2013

Fonte: Sefaz-Sic/Smart.

Relativamente às transferências de recursos da União para o Ceará foram transferidos, como pode ser constatado no Gráfico 26, R\$ 1.668 milhões no primeiro trimestre de 2014, havendo um crescimento real de 8,3%, com relação a idêntico período de 2013. É interessante observar que, ao longo do período de 2011 a 2014, as receitas transferidas pela União para o Ceará, no primeiro trimestre de cada ano, cresceram 20,1%, índice inferior àquele verificado no crescimento da arrecadação de ICMS. Esse fato é mais um indicativo de que o Governo Estadual vem reduzindo sua dependência com relação às receitas de transferências.

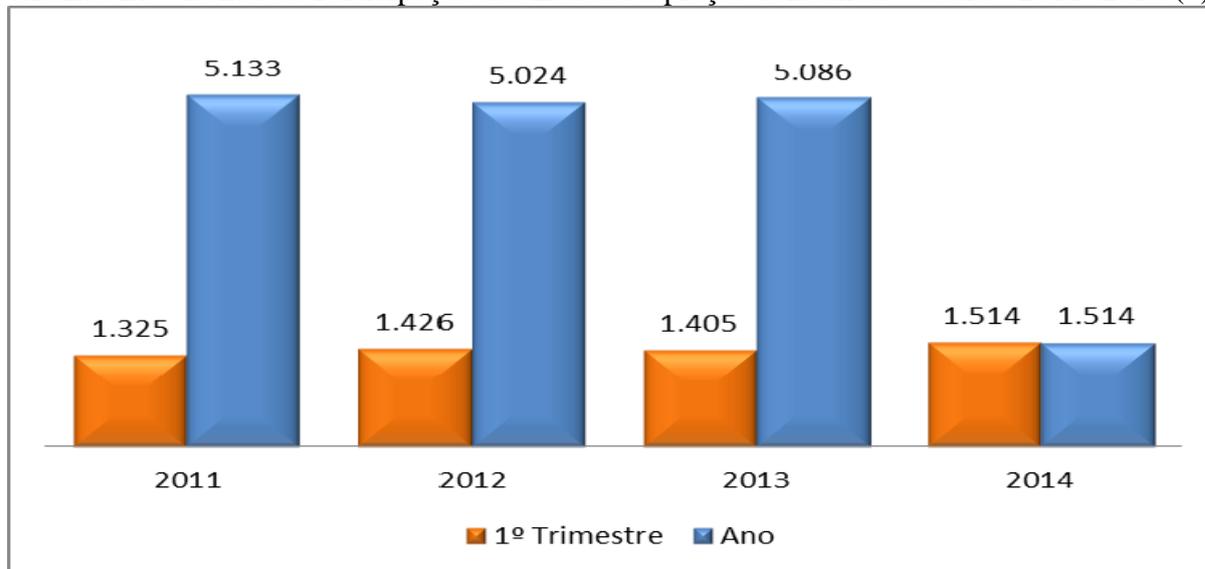
Gráfico 26 - Transferências da União a preços constantes - Ceará - 2011 -2014 (*)

Fonte:Sefaz-Sic/Smart. (*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 1º trimestre de 2014.

Dentre as receitas oriundas das Transferências da União, a mais relevante é o Fundo de Participação dos Estados (FPE), cujos dados apresentados no Gráfico 27 revelam que foi responsável, no primeiro trimestre de 2014, por, aproximadamente, 90,8% do total das

Transferências da União, totalizando R\$ 1.514 milhões, representando, em termos reais, um crescimento de 7,7% quando comparado a 2013. Esse incremento reverteu a queda da receita de transferências observada entre os primeiros trimestres de 2012 e 2013, ficando seu montante acima do observado no mesmo período de 2012.

Gráfico 27 – Fundo de Participação dos Estados a preços constantes - Ceará - 2011 -2014 (*)



Fonte:Sefaz-Sic/Smart. (*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 1º trimestre de 2014.

6.3 Despesas

A Despesa Total do Governo do Estado apresentou, no primeiro trimestre de 2014, um montante de R\$ 4.776 milhões, conforme pode ser observado no Gráfico 28, o que significou um crescimento real de 6,6% em relação a idêntico período de 2013. É interessante observar que a despesa total do Governo cearense, no primeiro trimestre de 2014, foi 18,9% maior do que aquela verificada no início de 2011. Em termos de participação, para os primeiros três meses de 2014, os principais componentes da Despesa Total do Estado foram Pessoal e Encargos Sociais (42,82%), Outras Despesas Correntes (45,37%) e Investimentos (7,62%).

Gráfico 28 – Despesa Total a preços constantes – Ceará – 2011 -2014 (*)

Fonte: Sefaz-Sic/Smart.

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 1º trimestre de 2014.

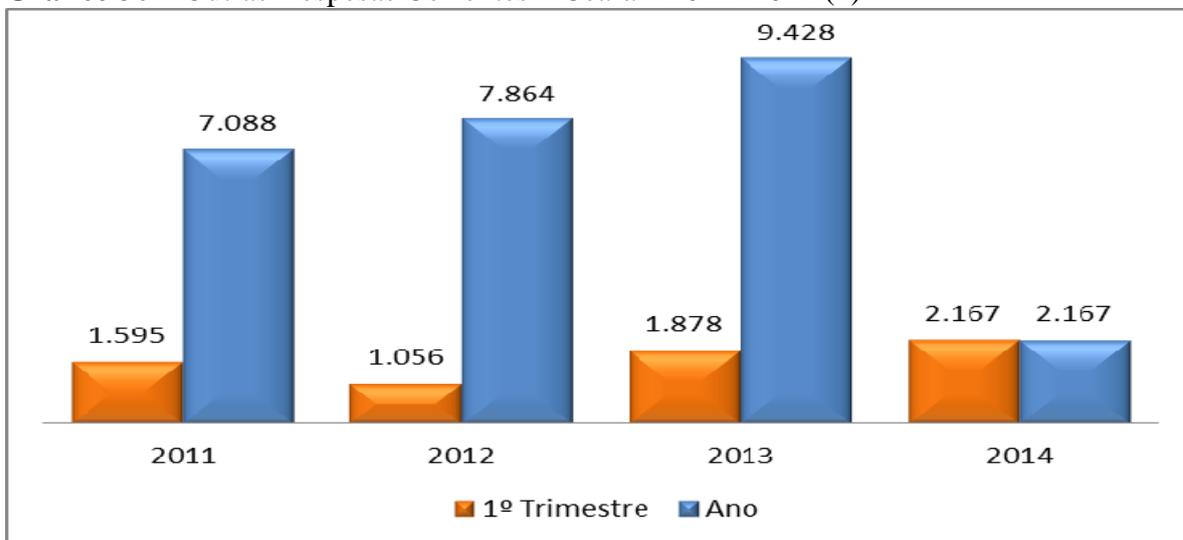
Analisando-se o gasto com pessoal do Estado do Ceará, que são apresentados no Gráfico 29, observa-se que, no início de 2015, esta conta totalizou R\$ 2.045 milhões, representando um crescimento real de 3,55%. A Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), de maio de 2000, estabeleceu limites para os gastos com pessoal das administrações públicas Federal, estadual e municipal. No que se refere ao gasto com pessoal dos estados a LRF estabeleceu o limite de 48,60% da Receita Corrente Líquida (RCL), sendo o limite prudencial o patamar de 46,17% da RCL. Segundo os últimos dados disponíveis da SEFAZ/CE, no primeiro quadrimestre de 2014 o gasto com pessoal atingiu 43,07% da RCL, isto é, um montante inferior ao estabelecido na LRF.

Gráfico 29 – Despesas com Pessoal e Encargos Sociais – Ceará – 2011 -2014

Fonte: Sefaz-Sic/Smart. (*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 1º trimestre de 2014.

As Outras Despesas Correntes (Gráfico 30), totalizaram, no primeiro trimestre de 2014, R\$ 2.167 milhões, registrando um crescimento real de 15,4% com relação ao começo de 2013.

Gráfico 30 – Outras Despesas Correntes – Ceará – 2011 -2014 (*)



Fonte: Sefaz-Sic/Smart. (*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 1º trimestre de 2014.

Em relação às despesas com Investimentos, conforme apresentado no Gráfico 31, verifica-se que, no primeiro trimestre de 2014, houve um gasto de R\$ 364 milhões, representando um crescimento real de 2,6% em relação aos primeiros meses de 2013. Comparando-se com os investimentos realizados no início de 2012 e 2013 é de se esperar que os investimentos realizados em 2014 venham a superar os realizados em 2013, dado o valor maior investido no início desse último ano quando comparado aos dois anos anteriores.

Gráfico 31 – Despesas com Investimentos – Ceará – 2011 - 2014 (*)



Fonte: Sefaz-Sic/Smart. (*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 1º trimestre de 2014.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste primeiro trimestre, as projeções de crescimento econômico da OCDE indicavam uma leve recuperação da economia mundial, influenciada pelo melhor desempenho de algumas economias desenvolvidas, além dos emergentes China e Índia. Ademais, os países europeus que se encontravam em crise econômica e em recessão começaram a ganhar fôlego.

Para o Brasil, foi registrado um crescimento de 1,9% em relação ao primeiro trimestre de 2013, repetindo o desempenho do primeiro trimestre de 2013 com relação ao mesmo período do ano de 2012.

Em que pese essa expansão com relação ao mesmo período do ano anterior, o PIB brasileiro no primeiro trimestre de 2014 teve um crescimento de apenas 0,2% em relação ao quarto trimestre de 2013, puxada por uma expansão de 2,3% do setor agropecuário. Nesse caso, a indústria sofreu uma retração de 0,8% e o setor de serviços teve uma leve alta de 0,4%.

Do lado da demanda, enquanto os gastos do governo continuam em expansão a partir de uma alta de 0,7% o consumo das famílias sofreu uma leve retração de 0,1%. Nessa mesma perspectiva, os investimentos e as exportações tiveram retração de 2,1% e 3,3%, enquanto as importações cresceram 1,4%. Esse conjunto de resultados levou à redução da projeção de crescimento do PIB brasileiro, em 2014, para 1,5%.

A economia cearense, por sua vez, apresentou uma taxa de crescimento de 3,93% no primeiro trimestre de 2014 com relação ao mesmo período de 2013, sendo a décima sexta taxa trimestral consecutiva superior à economia brasileira. A Agropecuária apresentou um atípico crescimento de 41,8%, devido ao volume de chuvas terem sido bem superior ao registrado para o mesmo período de 2013, além de uma base de comparação baixa, dado que no primeiro trimestre de 2013, com relação ao mesmo período de 2012, verificou-se uma queda de 5,94%. Já a indústria do Estado cresceu 1,7% apresentando um ritmo de expansão bem menor do que o período anterior, onde o setor obteve no primeiro trimestre de 2013, com relação ao mesmo período de 2012, um crescimento de 4,08%. Por fim, o setor de serviços, na esteira do bom desempenho do comércio, no qual cresceu 8%, apresentou uma taxa de 4,0%.

Não obstante a elevada taxa de crescimento do setor primário na expansão do produto, o ano de 2014 é o terceiro consecutivo de estiagem. Todavia, até o final do primeiro trimestre a gravidade da seca que se apresenta em 2014 é menor do que a observada nos anos anteriores.

Dentro da indústria, a produção física da indústria de transformação registrou, no primeiro trimestre de 2014, crescimento de 1,2% na comparação com o trimestre inicial de 2013. Esse resultado foi inferior ao registrado no mesmo período do ano anterior (7,8%) e de certa forma sofreu o efeito da base de comparação elevada, consequência do bom início de 2013.

Entre as atividades manufatureiras, destaque para produção da atividade de Confecção e vestuário e Fabricação de bebidas que cresceram, respectivamente, 20% e 9,1% no primeiro trimestre do ano. Uma das causas para o resultado positivo dessas atividades foi a maior demanda do comércio em virtude da realização da Copa do Mundo de Futebol, período no qual é maior o consumo de bebidas e de confecções com o tema do evento.

Os dados da PMS registraram, no primeiro trimestre do ano, uma nítida desaceleração do ritmo de crescimento da receita nominal de serviços do Ceará. No 1º trimestre de 2013 foi registrado um crescimento de 12,2% na comparação com igual período de 2012, enquanto que no 1º trimestre de 2014 a taxa de crescimento reduziu-se para 9,2%, mas ainda superior ao registrado pelo país, quando o crescimento foi de 8,7%.

Deve-se também ressaltar que as taxas de crescimento da receita nominal de serviços no trimestre do ano para a maioria dos estados brasileiros foram menores do que as observadas em 2013, o que pode ser consequência da política de elevação da taxa básica de juros da economia iniciada em abril do ano passado, afetando a dinâmica da indústria e do comércio, além da tendência de maior endividamento das famílias. Isso mostra que o fenômeno de desaceleração do setor de serviços não é um fenômeno isolado no estado do Ceará.

Como dito, a alta do setor de serviços foi bastante impulsionada pelo comércio. Na análise do acumulado do 1º trimestre de 2014, o varejo comum cearense registrou uma alta bastante significativa de 9,0%, sendo a terceira maior alta para o período desde 2010, revelando dessa forma uma retomada no ritmo de crescimento das vendas do varejo local comparado ao ano anterior. O varejo ampliado, por sua vez, apresentou crescimento acumulado de 7,0% voltando para o patamar de crescimento observado em 2012.

Outra atividade componente do setor de serviços que teve um bom desempenho nesse primeiro trimestre do ano foi o setor de intermediação financeira, com crescimento de 3,7% em relação ao mesmo período do ano anterior. No mês de março de 2014, o Ceará realizou R\$ 51,2 bilhões em operações de crédito com 51,6% das operações de crédito realizadas por pessoas físicas e 48,4% por pessoas jurídicas.

No que tange ao comércio exterior, as exportações do estado do Ceará totalizaram US\$ 319,92 milhões, registrando uma alta de 16,05% comparada ao primeiro trimestre de 2013. As importações, por sua vez, tiveram uma descontinuidade, alcançando o valor de US\$ 633,57 milhões, o que representou uma retração de 20,96% sobre o mesmo período de 2013. Já a balança comercial prossegue registrando valores deficitários, com saldo negativo de US\$ 313,64 milhões nesse primeiro trimestre do ano, quando comparado ao mesmo período de 2013.

No aspecto fiscal, o Estado do Ceará apresentou no acumulado até abril de 2014 um superávit primário de R\$ 1.200 milhões, enquanto que no mesmo período de 2013 houve um superávit primário da ordem de R\$ 1.878 milhões. Além disso, a arrecadação de ICMS registrou um crescimento de 36,7% entre o primeiro trimestre de 2011 e idêntico período de 2014, contribuindo para a redução da dependência do governo estadual das transferências federais. Dentro desse contexto, deve-se também ressaltar que ao comparar os investimentos realizados no início de 2012 e 2013 é de se esperar que os investimentos realizados em 2014 venham a superar os realizados em 2013, dado o valor maior investido no início desse último ano quando comparado aos dois anos anteriores.

Por fim, a expansão econômica cearense trouxe a reboque a geração de novos postos de trabalho através de 2.401 novas vagas no primeiro trimestre do ano. Nesse aspecto, ocorreu uma nítida retomada na geração de novos postos de trabalho na economia cearense haja vista a forte perda de postos de trabalho com carteira assinada no primeiro trimestre de 2013.

8. A OPINIÃO DO IPECE

Os Novos Desafios da Educação no Brasil

Daniel Suliano – Analista de Políticas Públicas do IPECE

Quando a educação tornou-se uma política de Estado nos principais países desenvolvidos, ainda no século XIX, não se sabia de seus reais benefícios no que tange aos aspectos econômicos. De fato, nessa época, os grandes Estados Nação da Europa bem como os Estados Unidos da América estavam passando por grandes transformações nas esferas social, cultural e econômica, encabeçadas por acontecimentos que marcaram a história da humanidade tais como a Revolução Francesa, a Revolução Gloriosa, a Revolução Industrial e a Independência das colônias americanas (note bem a repetição da palavra revolução!).

Essa combinação de fatos construiu uma espécie de infraestrutura social na qual todos os cidadãos, independentemente da origem, classe social ou crença tinham garantidos o acesso a uma educação básica oferecida pelo Estado, na perspectiva de garantir oportunidade em condições iguais.

A partir da segunda metade do século XX, quando a educação pública com um grau razoável de qualidade já estava sedimentada nos países desenvolvidos, algumas dúvidas dentro do espectro econômico começaram a surgir no que diz respeito à causalidade entre educação e crescimento. Será que a educação foi a responsável pelo extraordinário crescimento alcançado pelos países desenvolvidos ou foi o crescimento econômico o real impulsionador dado para que as pessoas passassem a investir mais em educação?

Nos últimos trinta anos a teoria econômica por meio de técnicas estatísticas mais sofisticadas conseguiu com sucesso resolver essa incongruência passando a não haver mais dúvidas na real direção da causalidade. Com efeito, todas essas revoluções ao longo história e que construíram um tecido social no qual todos os cidadãos teriam direito a educação foram investimentos que se maturaram ao longo dos anos e que permitiu a muitos países alcançar padrões de vida por meio do crescimento econômico até então inimagináveis para a humanidade.

Como sabemos, nossa formação econômica e social teve particularidades que não permitiram ao nosso país acompanhar toda essa construção da qual os países ricos tiveram e propiciaram que eles desfrutassem dos ganhos provenientes do maior nível educacional.

Diferentemente dos países ricos, quando o Brasil a partir da década de 1950 até o início dos anos 80 atingiu taxas significativas de crescimento, tendo inclusive recebido em um determinado momento a designação de “milagre econômico”, nossa estratégia se concentrou,

basicamente, em uma elevada acumulação de capital. Mesmo diante de um cenário de elevada expansão produtiva, a educação foi renegada a segundo plano.

Mais recentemente, parece que a sociedade brasileira começou a entender a importância da educação no processo de desenvolvimento. Desde o final dos anos 90 o Brasil conseguiu universalizar o ensino fundamental e avançar alguns passos no ensino médio e ensino superior além de dar maior importância para o ensino técnico. Foram também estabelecidas metas de longo prazo, algo inédito na educação brasileira, mas é certo que a qualidade ainda é um dos mais desafios a serem solucionados.

Essa importância que tanto sociedade como governo têm procurado destacar, tem causado alguns feitos colaterais quanto ao diagnóstico passado e presente, bem como quanto à importância do valor real de se ter uma sociedade mais escolarizada. De fato, muito se argumenta que o aprendizado na escola brasileira tem piorado, que as crianças pouco têm aprendido, que em um passado recente não era desse jeito, etc. Como têm alertado os principais estudiosos da área, essa é uma ideia completamente equivocada, justamente pelos argumentos já descritos acima.

Cláudio de Moura Castro, economista brasileiro que estuda há mais de quarenta anos esse tema da educação, costuma dizer que a principal razão para o nosso atraso educacional vem menos do que foi feito nas últimas décadas e mais do que não foi feito em quatro séculos de descaso. O mesmo autor cita o exemplo que durante todo o império não havia sequer prédios escolares em São Paulo e quando havia, no caso de Ubatuba, as crianças estudavam, imaginem só, em pé! Isso provavelmente para aquelas privilegiadas e que se davam ao luxo de frequentar os inexistentes bancos escolares.

Além desse diagnóstico equivocado, existe também uma percepção errônea de excesso de importância no quantitativo educacional. Como os retornos da educação no País são extremamente elevados, ou seja, o retorno por ano a mais de estudo, a ideia prevalecente é de que expandir a todo custo a educação, principalmente a de nível superior, será a panaceia do sistema.

Esse, na verdade, é um desafio de longo prazo para o Brasil. Sem dúvida, mais pessoas estudando e se formando é benéfico, mas é importante ter em mente que apenas educação formal por meio de diplomas não traz os reais benefícios de uma sociedade escolarizada, além da possibilidade de frustrar aqueles que se esforçaram para obtê-lo.